



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
FACULDADE DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES

**SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS POR DOCENTES DO ENSINO MÉDIO
SOBRE SUICÍDIO DE ESTUDANTES ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE
MANAUS**

**MANAUS – AM
2025**



EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES

**SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS POR DOCENTES DO ENSINO MÉDIO
SOBRE SUICÍDIO DE ESTUDANTES ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE
MANAUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia, da Universidade Federal do Amazonas, como requisito para a obtenção do título de Mestre(a)/Doutor(a) em Psicologia.

Linha de Pesquisa: Processos Psicossociais.

Orientador: Prof. Dr. Fábio Alves Gomes

**MANAUS – AM
2025**

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

-
- S216s Sandes, Emelliny Grazielly Cintra Teles
 Significações produzidas por docentes do ensino médio sobre suicídio de
 estudantes adolescentes no município de Manaus/AM / Emelliny Grazielly
 Cintra Teles Sandes. - 2025.
 74 f. : il., color. ; 31 cm.
- Orientador(a): Fábio Alves Gomes.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação em Psicologia, Manaus, 2025.
1. Professores. 2. Suicídio. 3. Adolescentes. 4. Escola. 5. Ensino Médio.
 I. Gomes, Fábio Alves. II. Universidade Federal do Amazonas. Programa
 de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título
-

SANDES, E. G. C. T. **Significações produzidas por docentes do ensino médio sobre suicídio de estudantes adolescentes no município de Manaus.** 74f. Dissertação. Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Fábio Alves Gomes. Manaus – Amazonas.

Aprovado em 28/11/2025

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Fábio Alves Gomes
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Iolete Ribeiro da Silva
Universidade Federal do Amazonas

Prof. Dr. Marck de Souza Torres
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Mitsuko Aparecida Antunes
Pontifícia Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Deise Juliana Francisco
Universidade Federal de Alagoas

AGRADECIMENTOS

A Deus que, em Sua infinita misericórdia, deu-me a força, resiliência e condições necessárias para avançar com esse sonho.

Ao meu marido, Jeferson Carvalho, que me ajudou em cada etapa, pacientemente, motivando-me e incentivando-me a avançar.

Ao meu filho, Gustavo Sandes, por ser minha grande motivação em continuar progredindo.

Aos meus pais e irmãos, pelo apoio em orações e por se alegrarem comigo nessa jornada.

Ao meu querido orientador, Fábio Gomes, por sempre ser solícito em ajudar, dar o suporte necessário, e por ser paciente com meu processo de desenvolvimento na jornada.

Aos meus colegas de mestrado, pelo compartilhamento mútuo de saberes enriquecedor para o progresso do projeto.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), pelo apoio ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

SANDES, E. G. C. T. **Significações produzidas por docentes do ensino médio sobre suicídio de estudantes adolescentes no município de Manaus.** 74f. Dissertação. Universidade Federal do Amazonas. Orientador: Fábio Alves Gomes. Manaus – Amazonas.

RESUMO

Esta dissertação, vinculada à linha de Processos Psicossociais, do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas, e ao projeto macro “A dimensão subjetiva dos fenômenos sociais”, teve por objetivo investigar as significações produzidas por docentes do ensino médio acerca do suicídio de estudantes no município de Manaus. A pesquisa fundamentou-se nos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético e da psicologia sócio-histórica, adotando abordagem qualitativa, de caráter exploratório, desenvolvida em um colégio estadual de Manaus. O estudo foi estruturado em duas etapas complementares. A primeira etapa consistiu em uma revisão de escopo, orientada pela seguinte questão norteadora: “O que dizem os estudos empíricos sobre a atuação docente frente ao risco de suicídio de jovens no ambiente escolar?”. A segunda etapa, de natureza empírica, buscou explicitar as significações produzidas por docentes do ensino médio em Manaus sobre o suicídio de estudantes adolescentes. Participaram dez professores voluntários. A produção de informações ocorreu por meio de entrevista semiestruturada em grupo focal, favorecendo um espaço coletivo de reflexão e troca de experiências. Os dados foram submetidos à análise temática, a partir da transcrição integral do material, resultando em quatro categorias analíticas. Os resultados gerais indicam que os docentes manifestam conhecimento limitado acerca do fenômeno do suicídio na adolescência e relatam necessidade de suporte teórico e prático para identificar e intervir em situações de risco no contexto escolar. Além disso, a ausência de material científico produzido a partir das significações docentes revela um desalinhamento entre a expectativa de ações preventivas escolares e a realidade de aporte teórico e empírico para que tais ações aconteçam. Os resultados evidenciam a urgência de ações formativas e de políticas institucionais que subsidiem a atuação docente no enfrentamento do problema.

Palavras-chave: professores; suicídio; adolescentes; escola; ensino médio.

SANDES, E. G. C. T. Meanings produced by high school teachers about suicide among adolescent students in the municipality of Manaus. 74f. Theses. Federal University of Amazonas. Supervisor: Fábio Alves Gomes. Manaus. Manaus – Amazonas.

ABSTRACT

This dissertation, linked to the Psychosocial Processes track of the Graduate Program in Psychology at the Federal University of Amazonas and to the macro-project “The subjective dimension of social phenomena,” aimed to investigate the meanings produced by high school teachers regarding student suicide in the municipality of Manaus. The research was grounded in the theoretical-methodological assumptions of historical-dialectical materialism and Socio-Historical Psychology, adopting a qualitative, exploratory approach, conducted in a state public high school in Manaus. The study was structured in two complementary stages. The first stage consisted of a scope review, guided by the following guiding question: “What do empirical studies say about teachers' performance in relation to the risk of suicide among young people in the school environment?” The second stage, empirical in nature, sought to clarify the meanings produced by high school teachers in Manaus about the suicide of adolescent students. Ten volunteer teachers participated. Information was gathered through semi-structured interviews in focus groups, favoring a collective space for reflection and exchange of experiences. The data were submitted to Thematic Analysis, based on the full transcription of the material, resulting in four analytical categories. The general results indicate that teachers express limited knowledge about the phenomenon of suicide in adolescence and report a need for theoretical and practical support to identify and intervene in situations of risk in the school context. In addition, the absence of scientific material produced based on teachers' meanings reveals a misalignment between the expectation of preventive actions in schools and the reality of theoretical and empirical support for such actions to take place. The results highlight the urgency of training actions and institutional policies that support teachers' efforts to address the problem.

Keywords: teachers; suicide; adolescents; school; high school.

SANDES, E. G. C. T. Significados producidos por profesores de enseñanza media sobre el suicidio de estudiantes adolescentes en el municipio de Manaus. 74f.
Disertación. Universidad Federal de Amazonas. Tutor: Prof. Dr. Fábio Alves Gomes.
Manaus – Amazonas.

RESUMEN

Esta tesis, vinculada a la línea de Procesos Psicosociales del Programa de Posgrado en Psicología de la Universidad Federal del Amazonas y al proyecto macro “La dimensión subjetiva de los fenómenos sociales”, tuvo como objetivo investigar las significaciones producidas por docentes de educación secundaria acerca del suicidio de estudiantes en el municipio de Manaus. La investigación se fundamentó en los supuestos teórico-metodológicos del materialismo histórico-dialéctico y de la Psicología Sociohistórica, adoptando un enfoque cualitativo, de carácter exploratorio, desarrollado en un colegio estatal de Manaus. El estudio se estructuró en dos etapas complementarias. La primera etapa consistió en una revisión del alcance, orientada por la siguiente pregunta guía: ¿Qué dicen los estudios empíricos sobre la actuación docente frente al riesgo de suicidio de los jóvenes en el entorno escolar?”. La segunda etapa, de naturaleza empírica, buscó explicitar los significados producidos por los docentes de secundaria en Manaus sobre el suicidio de estudiantes adolescentes. Participaron diez profesores voluntarios. La producción de información se realizó mediante entrevistas semiestructuradas en grupos focales, lo que favoreció un espacio colectivo de reflexión e intercambio de experiencias. Los datos se sometieron a un análisis temático, a partir de la transcripción íntegra del material, lo que dio como resultado cuatro categorías analíticas. Los resultados generales indican que los docentes manifiestan un conocimiento limitado sobre el fenómeno del suicidio en la adolescencia y señalan la necesidad de apoyo teórico y práctico para identificar e intervenir en situaciones de riesgo en el contexto escolar. Además, la ausencia de material científico producido a partir de los significados de los docentes revela un desajuste entre las expectativas de acciones preventivas escolares y la realidad del aporte teórico y empírico para que dichas acciones se lleven a cabo. Los resultados ponen de manifiesto la urgencia de acciones formativas y políticas institucionales que respalden la actuación docente en la lucha contra el problema.

Palabras clave: docentes; suicidio; adolescentes; escuelas.

LISTA DE SIGLAS

AM	Amazonas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
DataSUS	Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana da Saúde
PPGPSI	Programa de Pós-Graduação em Psicologia
SciELO	Scientific Electronic Library Online
SES-AM	Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas
SIM	Sistema de Informações sobre Mortalidade
UFAM	Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Estudo 1

Figura 1. Etapas de identificação e seleção do acervo.....21

Figura 2. Quadro com artigos encontrados para análise.....24

Estudo 2

Figura 1. Mapa Temático – Análise de Professores sobre Suicídio de Adolescentes.....38

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. ESTUDO 1 - ABORDAGENS DOCENTES FRENTE AO RISCO DE SUICÍDIO DE ESTUDANTES: REVISÃO DE ESCOPO.....	16
1 Introdução.....	17
2 Método.....	18
2.1 Delineamento do estudo.....	18
2.2 Estratégias de busca	19
2.3 Seleção de estudos e critérios de elegibilidade	19
3 Resultados.....	20
4 Discussão.....	24
5 Considerações finais	28
Referências	29
3. ESTUDO 2 - SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS POR DOCENTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE SUICÍDIO DE ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE MANAUS.....	32
1 Introdução.....	33
2 Método.....	34
2.1 Tipo de pesquisa.....	34
2.2 Local de estudo	34
2.3 Participantes	35
2.4 Instrumento de pesquisa.....	35
2.5 Procedimento de análise.....	36
2.6 Cuidados éticos	37
3 Resultados e discussão	37
4 Considerações finais.....	54
Referências	56
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS	63
APÊNDICES.....	65
ANEXOS	70

1. INTRODUÇÃO

O suicídio é descrito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) (WHO, 2025) como uma ação deliberada de uma pessoa em causar sua própria morte, que também o classifica como problema de saúde pública mundial, visto que os índices de óbitos são crescentes, com cerca de um milhão de casos por ano. No Brasil, o número de óbitos por suicídio também está em ascensão nos últimos anos (Mata et al., 2020).

De acordo com o Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM), do Departamento de Informação e Informática do Sistema Único de Saúde (DataSUS), houve 16.225 óbitos em 2023, em decorrência de lesões autoprovocadas, o que corresponde a uma média de 1,3% de casos ao ano. Por regiões brasileiras, os autores observaram que 37,7% dos casos ocorreram no Sudeste, 23,1% no Sul, 23% no Nordeste, 8,75% no Centro-Oeste e 6,71% no Norte. Para cada caso de suicídio confirmado, estima-se que há cerca de 20 tentativas, conforme apresenta Vasconcelos-Raposo et al. (2018).

O suicídio pode ser compreendido em três fases: a fase da ideação suicida, quando há pensamentos e intenção de encerrar a própria vida, inclui o planejamento e as vias que serão utilizadas para o ato; o comportamento suicida, onde o sujeito promove ações autodestrutivas imediatas ou progressivas, como a ingestão de substâncias, lesões corporais, abuso de álcool e outras drogas; e o ato suicida, que é o suicídio consumado (Moreira & Bastos, 2015).

Netto (2007) ressalta que o suicídio não se encerra no ato, visto que algumas questões permanecem após o óbito como, por exemplo, o que motivou o sujeito a recorrer a essa violência autoprovocada, qual a influência social, familiar ou de ordem individual relacionada ao suicídio. Entretanto, essas questões acabam não sendo devidamente consideradas, por não se compreender o fenômeno. Embora a OMS (WHO, 2025) relacione o suicídio primeiramente à desordem mental, ou transtorno neurológico, associado mais propriamente à depressão, ocasionando taxas de óbitos superiores às de pessoas infectadas pelo vírus da imunodeficiência humana (HIV) ou câncer de mama, esse fenômeno não se restringe a uma causalidade neurobiológica.

O suicídio tem sido objeto de estudo ao longo da história, analisado por diferentes áreas de conhecimento, com significados e causalidades diversas, e recebe influência do momento e contexto social (Oliveira, et al., 2024). Diante dos altos índices de morte autoprovocada no mundo, o suicídio foi classificado como um problema de saúde pública,

cujas presença de transtornos psiquiátricos, abuso de álcool e outras substâncias predomina, com uma média de 90% dos casos (Pandey, 2013).

Pandey (2013), em um estudo sobre as bases biológicas para o comportamento suicida, ressalta que há uma possível predisposição genética em pessoas cuja parentela manifestou algum transtorno de humor, visto que o comportamento suicida pode ser observado também nesses sujeitos. Além disso, conexões neurobiológicas não saudáveis, que interferem na produção de neurotransmissores importantes, como a serotonina, por exemplo, podem estar associadas à tendência ao suicídio. Contudo, o fenômeno também precisa ser considerado por outras perspectivas.

Ao ser classificado como um problema de saúde pública, o suicídio passa a ser visto como um fenômeno mais individualizado, a partir de uma visão majoritariamente biomédica, cujas estratégias de intervenção e prevenção serão de responsabilidade de órgãos públicos de saúde. Isso torna “isentos” outros setores da sociedade, que colocam o suicídio sob uma ótica patologizante, cuja prevenção pode ser gerenciada por intervenções medicamentosas e reducionistas ao sujeito, tornando-o um ser desconexo de outros contextos (Ortolan & Santos, 2018).

Contudo, a medicalização da vida cotidiana e suas nuances sociais é um mecanismo fortemente disseminado na sociedade capitalista contemporânea, que desconsidera o fato de que a constituição subjetiva também é determinada pela estrutura social, e que as desigualdades socioeconômicas comprometem diretamente a forma como se entende a própria existência, sob um modelo que dita não só a dinâmica econômica, mas o modo como cada sujeito irá se colocar nesse sistema (Ortolan & Santos, 2018). Desta forma, ao desconsiderar as mediações sociais sobre a subjetividade, também há o risco de minimizar a complexidade que envolve o fenômeno do suicídio.

Para uma abordagem ampla da discussão sobre o fenômeno, este estudo fundamentou-se na perspectiva teórica da psicologia sócio-histórica, que entende que os fenômenos psicológicos não devem ser vistos ou reduzidos à individualidade do sujeito, até mesmo porque o meio social e sua relação com ele também o constituem (Bock et al., 2022). Nesse caso, é admitir que os fenômenos sociais também fazem parte de um processo de apreensão e construção subjetiva, e que devem ser considerados em sua totalidade e contradições (Gomes et al., 2024). Assim, o fenômeno do suicídio também deve ser analisado como um sintoma social.

Dos casos de suicídio registrados no Brasil entre 2010 e 2019, a cada 100 mil habitantes, 6,6 pessoas cometeram suicídio e, desta proporção, 23,3% dos casos aconteceram entre adolescentes de 15 a 19 anos (Oliveira et al., 2024).

Dada a sua complexidade, o suicídio entre adolescentes chama a atenção, visto que essa fase de desenvolvimento é marcada por conflitos biopsicossociais que os expõem a determinadas vulnerabilidades, o que os coloca como um grupo de risco em relação a comportamentos autodestrutivos (Oliveira et al., 2024).

Dados do Boletim Epidemiológico da Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas (SES-AM) (Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas, 2024) revelam que, em 2023, no Amazonas (AM), foram registradas 332 mortes por suicídio, o que corresponde a 7,7 casos por 100 mil habitantes; destes, 18,1% ocorreram entre adolescentes de 15 a 19 anos. Os registros de tentativas de suicídio e óbitos nessa faixa etária representam um forte indicativo da necessidade de atenção para as vulnerabilidades que permeiam esta fase de desenvolvimento (SES-AM, 2024).

Ao longo dos anos, a adolescência tem sido vista culturalmente como problemática e marcada por crises. Embora as crises existam, a adolescência não deve ser resumida deste modo, visto que essa representação social pode reforçar estereótipos sobre o adolescente que já tem como desafio elaborar uma significação sobre seu próprio corpo enquanto sujeito, e interpretar as influências externas a si, que também o modificam (Souza & Silva, 2018).

Sganzerla (2021) destaca que o lugar escolhido pelos adolescentes para a prática de comportamentos de violência autoprovocada e tentativas de suicídio é a escola, que também é um importante espaço coletivo para desenvolvimento do sujeito, não só no aspecto de ensino e aprendizagem, como na qualidade das relações que serão aprendidas ali. A partir disso, a escola passa a ser um importante espaço social a ser considerado para análise do fenômeno.

Como prioridade, a escola pretende a formação acadêmica do alunado, através da transmissão de conhecimentos científicos que serão úteis socialmente (Maciel & Teixeira, 2023). Contudo, a escola também está atrelada à construção conceitual da adolescência e sua significação como fase da vida, visto que concentra grande número de jovens nesse período, com fins de capacitá-los ao mercado de trabalho (Santos & Legnani, 2019).

Desta forma, a obrigatoriedade escolar concentra, em seu espaço, crianças e adolescentes que terão, além do núcleo familiar, o desafio de aprender a conviver socialmente com diferentes realidades. Nesse contexto, a escola pode proporcionar

formas de acolhimento que incluam uma noção de cidadania e valores sociais, que façam parte da construção identitária do adolescente e reforcem o senso de pertencimento (Penso & Sena, 2020).

No Brasil, em 2019, foi sancionada a Lei nº 13.935, que inclui os profissionais da psicologia e serviço social para prestação de serviços regulares em escolas públicas da educação básica, com finalidade de atender às necessidades e políticas de educação, cujo trabalho multidisciplinar proporcione a atenção e cuidados relevantes ao contexto escolar. Infelizmente, apesar de ser uma recomendação por lei, fica a critério dos municípios adotarem ou não essa intervenção, o que agrava a fragilidade de políticas públicas mais eficazes, que possam tornar a acessibilidade desses serviços em comunidades carentes uma realidade prática (Andrada et al., 2019).

Ao lidar regularmente com diferentes grupos de adolescentes, os professores ocupam um importante lugar de acolhimento e reconhecimento de comportamentos de risco entre adolescentes, visto que a forma efetiva de prevenir o suicídio é saber identificar e intervir em fatores que potencializem sua ocorrência (Brito et al., 2020). Contudo, a rotatividade de professores no ensino médio pode ser um fator de fragilidade na observação e acompanhamento de alunos em comportamento de risco.

Assim, a promoção de saúde mental no ambiente escolar como forma preventiva aos comportamentos de risco requer o envolvimento e a capacitação dos educadores no processo de multidisciplinaridade e acolhimento das demandas emergentes (Sganzerla, 2021). Além disso, uma parceria multidisciplinar, que inclua profissionais como o psicólogo, pode favorecer os cuidados e a mediação necessária entre as complexas relações que envolvem o contexto escolar (Andrada et al., 2019).

Brito et al. (2020) descrevem que o dilema escolar para a promoção de estratégias preventivas do suicídio ocorre por causa da minimização do problema, que reverbera na ausência de capacitação adequada dos professores para intervirem de forma segura e assertiva em casos emergenciais, aos quais são expostos em seu cotidiano, mas não sabem como agir ou abordar o tema.

Destarte, considerando a relevância do tema e a necessidade de conhecer como as escolas e professores lidam com as demandas de violências autoprovocadas entre adolescentes, e buscando construir ações preventivas eficazes, foram realizados dois estudos para a construção desta pesquisa. Os resultados serão expostos em duas seções: estudo 1, cujo objetivo foi investigar as abordagens docentes frente ao risco de suicídio de estudantes, a partir de uma revisão de escopo; e estudo 2, que objetivou investigar as

significações produzidas por docentes do ensino médio sobre suicídio entre adolescentes em Manaus (AM), a partir de uma pesquisa empírica de abordagem qualitativa. Esta pesquisa está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGPSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e pertence à linha de pesquisa de Processos Psicossociais.

2. ESTUDO 1 - ABORDAGENS DOCENTES FRENTE AO RISCO DE SUICÍDIO DE ESTUDANTES: REVISÃO DE ESCOPO

Resumo

O suicídio é definido como um ato de causar a própria morte de forma intencional, com estimativa anual de um milhão de ocorrências em todo o mundo. Essa estatística classifica o suicídio como um problema de saúde pública (World Health Organization, 2025) e a quarta principal causa de morte de jovens com idade entre 15 e 29 anos (Organização Pan-Americana da Saúde, 2024). Este público encontra-se, preferencialmente, no ambiente escolar e, por conseguinte, a escola pode ser um local privilegiado para se trabalhar com estratégias de prevenção do comportamento suicida (Avanci et al., 2024). Para tanto, esse estudo visa analisar o que dizem os estudos empíricos sobre a atuação docente frente ao risco de suicídio de jovens no ambiente escolar. Trata-se de uma revisão de escopo, com referência metodológica do protocolo de pesquisa PRISMA (*Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses*), a partir da estratégia População (professores), Conceito (prevenção; suicídio) e Contexto (escola). Foram consultadas quatro bases bibliográficas acadêmicas e incluídos artigos nacionais e internacionais, publicados a partir de 2015. Os resultados configuraram escassez de estudos voltados ao público docente sobre o suicídio de adolescentes, e sugerem a necessidade de mais pesquisas contextualizadas à região em que o público-alvo estão inseridos. Além disso, foi observada falta de conhecimento adequado sobre o suicídio, sinais de risco e formas de intervenção por parte dos docentes, o que chama a atenção para a importância do debate sobre esse fenômeno de forma responsável e assertiva no contexto escolar.

Palavras-chave: professores, percepção, prevenção, suicídio, escolas.

1 Introdução

O suicídio, ato deliberado de alguém causar a sua própria morte, é um fenômeno complexo, geralmente associado a uma grande quantidade de fatores, que interagem entre si (Quesada et al., 2020). Também é considerado um importante problema de saúde pública mundial (Santos & Kind, 2020), que denuncia características particulares produzidas pela contemporaneidade capitalista (Oliveira et al., 2024).

No Brasil, houve um aumento significativo de casos de suicídio; somente em 2023, foram 16.225 óbitos em decorrência de lesões autoprovocadas, com uma média de 1,3% ao ano, de acordo com dados do SIM, pelo DataSUS. Para cada caso de suicídio confirmado, há uma estimativa de cerca de 20 tentativas, conforme Vasconcelos-Raposo et al. (2018).

A literatura aponta que as estatísticas de suicídio se distribuem de forma desigual entre os sexos, grupos etários e nas diferentes regiões do Brasil (Mata et al., 2020). Em relação ao sexo, os autores observaram que as tentativas de suicídio são mais frequentes nas mulheres, enquanto o ato consumado é prevalente em homens, pois eles costumam utilizar meios mais agressivos em suas tentativas.

Com relação aos grupos etários, a violência autoprovocada conscientemente tem sido mais observada nos adultos jovens com idade entre 20 e 39 anos (43,6%) e nos idosos (27,79%). Entre os anos de 2006 e 2015, a maioria dos casos observados foi praticada por autodeclarados brancos (50%) ou autodeclarados pardos (38%); por regiões brasileiras, a Região Norte registra 6,71% de casos em relação ao resto do país.

É consenso que o suicídio é um fenômeno multideterminado, presente em todas as faixas etárias, culturais e sociais (Braga & Dell’Aglío, 2013). Atualmente, o suicídio é a quarta principal causa de morte entre jovens com idade entre 15 e 29 anos, conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) (2024). A OPAS aponta que a adolescência é um período de risco para o surgimento de problemas de saúde mental, bem como uma fase crítica para a aquisição de habilidades socioemocionais.

O estudo revela que tanto o isolamento social quanto a ausência de rede de apoio são considerados fatores de risco para o suicídio (Mata et al., 2020). Com relação aos adolescentes, são considerados fatores de risco: eventos estressores ao longo da vida, histórico de violência, uso de drogas, problemas familiares, ocorrência de suicídio na família e depressão (Braga & Dell’Aglío, 2013).

Os adolescentes, como um público de risco ao comportamento suicida, encontram-se preferencialmente no ambiente escolar. Conforme Avanci et al. (2024), o espaço escolar é um local privilegiado para se trabalhar com estratégias de prevenção do comportamento suicida.

Desde que a escola passou a ser obrigatória para todas as crianças, este ambiente tornou-se um local de grande concentração de estímulos e de impactos sobre outros aspectos da vida dos indivíduos que a frequentam (Garcia, 2016). Contudo, o ambiente escolar pode ser tanto um fator de risco quanto protetivo (Oliveira et al., 2024).

Ao considerar o suicídio um fenômeno multifacetado, que requer maior compreensão de sua dinâmica para a viabilização e proposição de estratégias de prevenção e intervenção junto à população, esse estudo objetiva analisar as abordagens e manejos dos professores na prevenção de situações de risco no ambiente escolar. Para isso, vale-se de pesquisa bibliográfica de escopo para responder à pergunta norteadora: “Quais são as abordagens dos professores na prevenção e no manejo de situações de risco de suicídio no ambiente escolar?”

Parte-se da compreensão de que o estudo sobre o suicídio e a discussão sobre a prevenção e o manejo de situações de risco no ambiente escolar possam auxiliar o docente quanto à sua estratégia frente ao comportamento suicida e, consequentemente, disponibilizar recursos para pensar em táticas de promoção e prevenção de saúde mental na escola.

2 Método

2.1 Delineamento do estudo

Tratou-se de uma revisão bibliográfica de escopo da literatura científica, cujo método sistemático promove um mapeamento de produção científica sobre determinado tema, que permite a identificação de conceitos distintos e lacunas que possam existir (Peters et al., 2020).

A referência metodológica para a pesquisa foi a partir do protocolo de revisão PRISMA, registrado e disponível para acesso na plataforma Open Science Framework, através do *digital object identifier* (DOI) 10.17605/OSF.IO/GXR47. Foi utilizada a estratégia População, Conceito e Contexto (PCC) para orientar a coleta de dados, elencando-se professores como População; prevenção e suicídio como Conceito; e escola

como Contexto. Os descritores utilizados foram prevenção *AND* suicídio *AND* escola, a fim de responder à questão norteadora da pesquisa: “Quais as abordagens dos professores na prevenção e no manejo de situações de risco de suicídio de estudantes?” O operador booleano escolhido para a busca foi “*AND*”.

Para responder à pergunta norteadora desta revisão, foram definidos como objetivos específicos: 1. Identificar os níveis de conhecimento dos professores sobre sinais de alerta e fatores de risco associados ao comportamento suicida de alunos; 2. Identificar as principais dificuldades enfrentadas pelos professores com alunos em risco de suicídio; 3. Analisar as atitudes e percepção dos professores em relação à sua contribuição na prevenção ao suicídio no contexto escolar; e 4. Identificar possíveis estratégias de intervenção, para que os professores tenham condições de lidar com situações de risco envolvendo suicídio.

2.2 Estratégias de busca

Em setembro de 2024, foram realizadas as buscas dos artigos nas bases de dados Scientific Electronic Library Online (SciELO), Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Scopus. Os descritores e operadores booleanos utilizados foram prevenção *AND* suicídio *AND* escola.

2.3 Seleção de estudos e critérios de elegibilidade

Como critério de elegibilidade, foi definido que seriam utilizados apenas artigos completos, publicados nos últimos dez anos (a partir de 2015), nacionais e/ou internacionais, com ênfase no conhecimento dos professores do ensino fundamental e médio sobre o suicídio. Como critério de exclusão, foram desconsiderados artigos que tivessem como foco os profissionais que não fossem professores, com mais de dez anos de publicação e/ou que se desenvolvessem em contexto diferente do ambiente escolar.

Os materiais relevantes para a construção desta revisão foram encontrados nas bases SciELO e Portal de Periódicos da CAPES, em setembro de 2024, após exclusão de duplicatas e artigos que não correspondiam aos objetivos desse estudo. A seleção dos artigos científicos foi realizada por dois juízes independentes, que utilizaram os mesmos descritores para a busca nas bases de dados escolhidas para a revisão, com distribuição

minuciosa e detalhada dos materiais encontrados, tendo sido descritos e analisados em planilha do Excel.

Em reunião *online* para resolução das divergências, os juízes resolveram, por consenso, a exclusão de artigos que não se enquadraram nos objetivos propostos nesse estudo, respeitando os critérios de inclusão e exclusão, e concordaram que apenas dois, dos 52 encontrados, correspondiam aos critérios e objetivos.

Após a seleção do material, foi produzida uma tabela para análise dos dois artigos para inclusão no estudo. Apesar de terem atendido aos critérios de inclusão e exclusão, os materiais utilizados nesse estudo não tiveram o contexto escolar regular como campo, tendo sido realizados em ensino técnico.

Esta pesquisa foi conduzida de forma independente, sem apoio financeiro de agências de fomento, instituições públicas ou privadas, ou qualquer outra fonte externa de financiamento. Todos os custos associados à realização do estudo foram integralmente arcados pelos próprios autores. A ausência de financiamento externo assegura que o desenvolvimento, a análise e a apresentação dos resultados tenham sido realizados com total autonomia científica.

3 Resultados

O material analisado permitiu o levantamento de 52 artigos até a data da busca, distribuídos entre as plataformas SciELO (n= 6), LILACS (n=13), Portal de Periódicos da CAPES (n= 24) e Scopus (n=9), a partir dos descritores e operadores booleanos definidos para a pesquisa (prevenção *AND* suicídio *AND* escola). Os artigos foram organizados em planilha do Excel como banco de dados para análise de título e resumos, em conformidade ou não com os objetivos da pesquisa.

Após a análise dos resumos dos 52 artigos, cada juiz independente fez a seleção dos materiais correspondentes aos objetivos e critérios desse estudo, tendo sido comparados posteriormente em reunião para avaliação deles. A maioria dos estudos era teórica, de revisões de literatura, outros com metodologia de pesquisa qualitativa etnográfica, voltados ao comportamento suicida adolescente, ou campanhas de prevenção do suicídio fora do contexto escolar, e não tinham como público-alvo os professores.

No Portal de Periódicos da CAPES, a partir dos descritores “prevenção *AND* suicídio *AND* escola”, foram encontrados 24 artigos, que incluíam revisão de literatura, pesquisa etnográfica, com apenas um artigo compatível aos objetivos do estudo, mas que

foi descartado após análise de duplicata. Os nove artigos encontrados na plataforma Scopus, a partir dos mesmos descritores de busca, tratavam do suicídio com públicos e contextos diferentes, não havendo relação com escola ou professores. Dos 13 artigos encontrados na plataforma LILACS, com os mesmos descritores booleanos, apenas um atendia ao critério de elegibilidade para esse estudo. Da mesma forma, dos seis artigos encontrados na base de dados SciELO, apenas um correspondia aos objetivos desse estudo.

Em consenso, os juízes decidiram por apenas dois artigos, que foram analisados na íntegra após o levantamento geral de buscas. Apesar de não terem sido utilizados para responder aos objetivos desse estudo, alguns artigos descartados para essa pesquisa puderam ser considerados para contribuição do aporte teórico de outros estudos. A figura 1 apresenta as etapas de identificação e seleção do acervo, a partir dos 52 artigos encontrados.

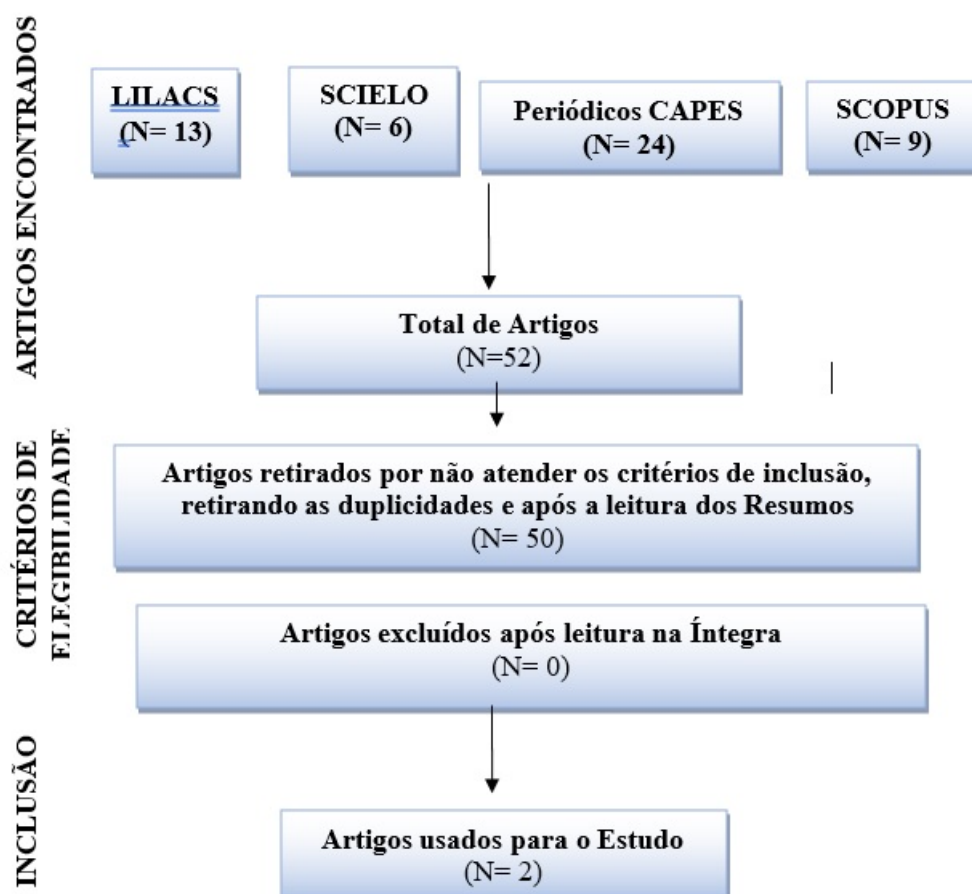


Figura 1. Etapas de identificação e seleção do acervo

A partir do fluxograma de pesquisa apresentado na figura 1, percebe-se a escassez de materiais voltados ao público de professores e sobre como lidam a respeito do fenômeno do suicídio na escola. Dos 52 artigos encontrados através dos descritores “prevenção *AND* suicídio *AND* escola”, somente dois corresponderam aos objetivos da pesquisa propostos nesse estudo.

Os dois artigos encontrados e utilizados na íntegra para esse estudo apresentam as percepções de professores sobre a prevenção do suicídio nas escolas, bem como a necessidade de maior discussão e esclarecimento sobre o tema. Além disso, o contexto escolar que ambos os estudos pesquisaram envolve o ensino técnico que, mesmo sendo aplicável a essa pesquisa, seria de maior contribuição se os materiais fossem analisados a partir de um contexto de ensino regular – o que reforça a necessidade de mais investigação em escolas com ensino convencional, com ênfase nos professores como público-alvo. Os detalhes dos artigos encontrados podem ser vistos na figura 2, a seguir.

Ano	Autor	Objetivo	Método	Principais resultados
2023	Maciel, E. M.; Teixeira, S.	Geral: analisar intervenções de professores do ensino médio integrado ao técnico, ao perceberem o comportamento suicida em alunos. Específico: descrever as percepções dos professores acerca do comportamento suicida em alunos adolescentes; caracterizar as ações dos professores frente ao comportamento suicida de alunos adolescentes; identificar sentimentos vividos por professores participantes do estudo diante do comportamento suicida de seus alunos adolescentes; especificar processos formativos, com ênfase no manejo do comportamento suicida, pelos quais	Estudo qualitativo, descritivo, teve como procedimento técnico a pesquisa de campo, após parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Estruturou-se nas etapas de recrutamento por <i>e-mail</i> e respostas fornecidas em formulário Google Forms. Realizou-se em uma instituição escolar, de nível federal, que atende alunos do nível básico, técnico e tecnológico. A escola situa-se na região central de Teresina, capital do Piauí. Os participantes do estudo foram 12 professores do ensino médio integrado ao técnico de todas as áreas do conhecimento (identificados pela letra P, seguida de número de 1 a 12). Os dados foram organizados e analisados seguindo a técnica de análise de conteúdo.	Os resultados foram apresentados segundo as categorias de análise, que consistiram em: 1. Concepções preliminares de professores sobre o comportamento suicida, cujas afirmações dos professores demonstram conhecimentos prévios que estes possuem acerca do problema e revelam importantes indícios de como o comportamento suicida pode ser encarado pelos docentes, mas também revelam uma visão estereotipada do que é o comportamento suicida. Os docentes apontam ideias vinculadas ao senso comum e distorcidas do que discute a literatura, tais como o delineamento de um perfil suicida estagnado na pessoa. 2. Percepções de professores acerca do adolescente com comportamento suicida: as respostas dos professores sinalizam uma visão próxima, mas ainda reduzida do fenômeno, como se esse estivesse articulado apenas a

		os professores passaram.		um transtorno mental, e como se esse transtorno se manifestasse somente com tristeza e humor deprimido. As análises indicam que as percepções dos professores acerca do adolescente com comportamento suicida sofrem interferências significativas das concepções superficiais e conhecimentos limitados dos partícipes sobre o problema, configurando-se como uma visão fragilizada e vulnerável sobre o problema. 3. Intervenções docentes frente à identificação do comportamento suicida em alunos: com base nas respostas desta categoria, observou-se que, diante das respostas, é possível depreender que os professores não têm um alinhamento na forma de manejar essas situações, agindo da forma como acreditam ser mais adequada, sendo possível identificar que as intervenções não se configuram como ações efetivas de prevenção ao suicídio, já que não são atitudes concretas de acolhimento ao sofrimento dos alunos ou de realce aos fatores protetivos, tais como família, aspectos da personalidade, relações sociais e fatores culturais. Os professores agem de maneira pontual e desarticulada entre si, a partir de valores e experiências pessoais, o que contribui para a escola não se sedimentar como espaço de diálogo, informação e prevenção do suicídio. 4. Formação de professores com ênfase no manejo do comportamento suicida de alunos – um hiato problemático: as afirmativas dos professores sinalizam para ações pontuais, que não se constituíram em espaços de escuta e
--	--	--------------------------	--	---

				compartilhamento de experiências para eles, reforçando a necessidade de formação especializada para suporte adequado a educadores e alunos.
2021	Prado, A. da S.; Pinto, L. R.	Geral: identificar a percepção dos profissionais que atuam na área pedagógica dos <i>campi</i> do Instituto Federal do Paraná (IFPR) sobre a temática de prevenção do suicídio e suas necessidades de formação neste assunto, com vistas a desenvolver um material educativo sobre o tema.	Pesquisa exploratória de método misto – qualitativo e quantitativo – e análise de conteúdo baseada em Bardin. As técnicas utilizadas foram questionários semiestruturados para as etapas de levantamento de dados e de avaliação do produto educacional. A pesquisa foi aprovada pelo CEP do IFPR – Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) nº 82764618.4.0000.8156. O contexto no qual a pesquisa se inseriu foi na educação profissional e tecnológica (EPT).	Os resultados observados na pesquisa foram: aumento do suicídio infanto-juvenil; pouco material sobre prevenção do suicídio na escola no contexto brasileiro; a necessidade de as escolas desenvolverem ações preventivas; demanda de formação dos profissionais na temática e de material específico para este público e realidade; pouca produção sobre o tema voltada ao ambiente escolar; nenhum material voltado à EPT; diversas temáticas contempladas nos projetos

Figura 2. Quadro com artigos encontrados para análise.

Ambos os artigos são resultado de publicações recentes, com atenção centrada na percepção e intervenções dos professores frente ao comportamento suicida. O primeiro estudo concentrou-se em compreender como o fenômeno é entendido e impacta os professores. O segundo estudo também analisa as intervenções feitas pelos professores diante do comportamento de risco e apresenta como proposta a produção de conteúdo que sirva de suporte no processo de prevenção.

4 Discussão

Os professores são um relevante público para a articulação de estratégias e reconhecimento de comportamentos de risco entre adolescentes, e sua compreensão limitada ou estigmatizada sobre o fenômeno do suicídio pode favorecer o enfraquecimento de ações preventivas mais eficazes no contexto escolar (Brito et al., 2020).

Silva et al. (2025), descrevem que, além da falta de conhecimento adequado sobre como prevenir o suicídio, as escolas também não têm um processo de capacitação de seus colaboradores e professores para a elaboração de estratégias eficientes de manejo e enfrentamento em longo prazo.

Os resultados obtidos nessa revisão indicam que não apenas as escolas têm dificuldade em pensar e discutir estratégias preventivas, como há pouco material disponível na literatura científica que sirva de aporte para utilização na formação e capacitação dos profissionais que lidam diretamente com a problemática do suicídio em contexto escolar. As abordagens e manejos utilizados por professores diante de situações de risco são fundamentais para a compreensão de como podem ser pensadas e construídas intervenções preventivas acessíveis e continuadas nas escolas (Sganzerla, 2021).

A metodologia para coleta de dados utilizada por Maciel e Teixeira (2023) no estudo 1 proporciona maior conforto ao participante em relação à descrição na participação da pesquisa, considerando que o tema é sensível e pode promover algum desconforto. Também auxilia na preservação do sigilo e reforça a voluntariedade na pesquisa.

Contudo, a acessibilidade ao modelo virtual de pesquisa pode não abranger todos os participantes de forma igualitária, visto que intercorrências de conexão podem ocorrer, comprometendo, em algum nível, o resultado. Além disso, as respostas podem ser moduladas pelos participantes, de modo que sua espontaneidade sobre a exposição do conhecimento em relação ao tema influencie nos resultados.

No segundo estudo, a metodologia mista promoveu maior abrangência a respeito dos resultados que se objetivou buscar, cujas contribuições serviram de aporte para a produção do material que os autores Prado e Pinto (2021) propuseram elaborar. Seus resultados apontam para uma problemática que se harmoniza com os dados gerais sobre o fenômeno do suicídio.

Não é de hoje que ocorrem discussões sobre o importante papel da escola como espaço social para o desenvolvimento de valores, habilidades diversas e currículo acadêmico (Caffagni, 2024). Reflexões de como ser um ambiente promotor de saúde mental para seus participantes também podem ser incluídas nessas discussões, visto que as escolas reúnem grande número de adolescentes e jovens diariamente (Silva & Barros, 2021).

Além disso, a escola é um dos espaços escolhidos pelos adolescentes para práticas de autolesão ou tentativa de suicídio, e isso reforça a necessidade de conhecimento prévio entre seus profissionais sobre os temas que envolvem o fenômeno para a elaboração de estratégias de prevenção (Sganzerla, 2021).

Ao considerar os conflitos intrapessoais que essa fase de desenvolvimento já manifesta, os impactos no processo de aprendizagem e desempenho acadêmico são

indícios de que não se pode resumir a função da escola a somente transmitir conhecimento e formar profissionais, mas ater-se, também, ao cuidado com a promoção à saúde desse público, que apresenta quadros de sofrimento psíquico (Cid et al., 2019).

Entretanto, apesar de ser um aspecto fundamental a ser contemplado, a saúde mental dos estudantes é uma pauta pouco trabalhada entre os profissionais da educação, quer seja em seu planejamento ou em sua formação (Silva & Barros, 2021), o que resulta em escassez de informações e recursos acessíveis para intervenções mais eficazes no contexto escolar (Cid et al., 2019).

Tal situação pode ser observada nas categorias de análise do estudo de Maciel e Teixeira (2023), em que os professores apresentam estigmas a respeito do suicídio de adolescentes, ou pouca informação a respeito; acabam não sabendo como agir diante de situações de risco, admitindo a importância de ter em pauta esse tema em capacitações.

Soares et al. (2014) apresentam que, na percepção dos professores, a necessidade de explorar o tema da saúde mental na escola é uma realidade, bem como o acesso a materiais ou orientações de profissionais da saúde. Tais recursos auxiliariam na forma como os professores lidam com o fenômeno, fortalecendo sua confiança para intervenções assertivas, quando necessário (Soares et al., 2014).

Essas percepções corroboram com os materiais encontrados nesse estudo, cuja ausência de informações ou capacitação para os professores sobre saúde mental e prevenção do suicídio nas escolas, além de anular possíveis intervenções, também dá margem para que o tema não seja tratado com clareza, como pode ser visto nos textos da tabela 2. A seguir, serão destacados aspectos importantes para esse estudo, descritos nos resultados das produções científicas utilizadas.

Percepções e nível de conhecimento dos professores sobre suicídio: no texto 1, Maciel e Teixeira (2023) apresentam como resultados do estudo as percepções dos professores sobre o suicídio entre adolescentes, subdividido em categorias de análise. O conhecimento prévio destes profissionais sobre o assunto demonstra informações inconsistentes sobre o tema, que reduzem o comportamento suicida dos adolescentes à ocorrência de algum transtorno mental ou humor deprimido.

Tais observações sinalizam uma fragilidade, tanto no conhecimento e discussões sobre o assunto, quanto nas possíveis formas de intervir em caso de necessidade. Para a promoção de estratégias e intervenções preventivas nas escolas, conhecer sobre o fenômeno e suas nuances na adolescência é fundamental, assim como reconhecer os

grupos de risco e o que envolve o comportamento suicida entre adolescentes (Sganzerla, 2021).

O reconhecimento dos fatores de risco entre adolescentes requer compreensão adequada, para que seus comportamentos não sejam reduzidos aos conflitos gerais latentes da adolescência, mas entendidos como parte de uma construção biopsicossocial, que inclui a escola como um espaço propício à sua manifestação (Silva & Barros, 2021).

Dificuldades enfrentadas na identificação de comportamentos de risco: no texto 1 de Maciel e Teixeira (2023), as intervenções dos professores frente ao comportamento de risco são descritas como independentes, não havendo um protocolo articulado entre os docentes, mas abordagens que eles entendem como melhores para a demanda emergente.

Brito et al. (2020) descrevem que a falta de capacitação ou informação adequada por parte dos docentes compromete negativamente a disposição dos estudantes na busca por ajuda quando precisam, destacando que apenas 1,3% dos jovens se sente à vontade para buscar auxílio com os professores, por medo de julgamentos ou dificuldade em lidar com a situação. Isso reitera a realidade de que, se não há o conhecimento apropriado sobre o fenômeno do suicídio, além de percepções estereotipadas socialmente, as intervenções serão feitas equivocadamente, mesmo que haja boa intenção em ajudar.

Possíveis contribuições dos professores para prevenção do suicídio: conforme descrito no estudo 1, de Maciel e Teixeira (2023), há uma problemática entre o que é preciso fazer para prevenir comportamentos de risco e o que de fato os professores podem realizar. Nos resultados da pesquisa, foi possível perceber que os docentes foram instruídos sobre prevenção do suicídio em situações pontuais, mas não houve uma formação especializada, que promovesse discussão profunda e continuada de ações estratégicas.

Essa defasagem na formação docente chama a atenção para a necessidade da parceria multidisciplinar com as escolas, de modo que a promoção de saúde mental no ambiente escolar também seja uma importante pauta a ser trabalhada (Andrada et al., 2019).

A necessidade de incluir discussões sobre saúde mental na formação profissional: no texto 2, Prado e Pinto (2021) descrevem como resultado a escassez de materiais informativos ou de formação adequada para os professores para manejo com demandas emergentes.

Brito et al. (2020) descrevem que, além da falta de conhecimento adequado dos professores a respeito do suicídio de adolescentes, há também insegurança em lidar com situações de risco, ou intervenções inadequadas, que reforçam a necessidade de incluir em sua capacitação o suporte apropriado para suas abordagens.

Como proposta, Prado e Pinto (2021), no texto 2, apresentam materiais informativos sobre prevenção do suicídio, que servirão de suporte para os professores e demais profissionais da escola. O material foi desenvolvido a partir dos dados coletados em campo, a respeito das percepções dos professores do IFPR, e disponibilizado para acesso dos profissionais.

No entanto, apesar de haver acesso às informações e conteúdos educativos, ainda existe a necessidade de discutir sobre os diferentes papéis que a escola pode ou deve assumir enquanto espaço social, e se os aspectos socioafetivos dos discentes serão incluídos nessas discussões, visto que os professores são as figuras que lidam diretamente com o público estudantil e suas nuances. Desta forma, suas percepções são relevantes para proporcionar subsídios necessários às intervenções preventivas mais eficazes (Cid et al., 2019).

Ambos os estudos reiteram a ausência de suporte informativo adequado e de maior alcance para os professores. Tal indicativo reforça não somente a ausência de capacitação adequada para esses profissionais, como a fragilidade social em lidar com o tema do suicídio, mesmo que ele seja um problema real e de saúde coletiva (WHO, 2025).

5 Considerações finais

A partir dessa revisão de escopo, identificou-se uma escassez significativa de materiais científicos que respondessem aos objetivos deste estudo, de modo que a ausência de dados suficientes para uma revisão robusta destaca-se em seus resultados. Conhecer as significações produzidas pelos professores e como lidam na prática com comportamentos de risco entre adolescentes é um importante caminho para entender de que forma estratégias de prevenção e atenção básica podem ser pensadas em contextos escolares de forma mais eficiente, além de demonstrar que o fenômeno do suicídio não está sendo discutido adequadamente com o público que recebe e acolhe, à sua maneira, as demandas emergentes.

Além disso, o levantamento bibliográfico encontrado para esse artigo não apresentou abrangência de dados sobre suicídio de adolescentes por regiões do Brasil,

assim como poucos materiais voltados à prevenção do fenômeno no processo de capacitação de professores. Também não foi identificada, em nenhum dos dois estudos analisados, a descrição de estratégias práticas para auxiliar os professores no manejo adequado diante de situações de risco. As observações aqui feitas sinalizam lacunas que podem ser melhor investigadas a partir de novas pesquisas e produções científicas, e que respondem parcialmente ao objetivo desse estudo.

Conforme resultados dessa revisão de escopo, identifica-se a necessidade de novas investigações sobre as percepções e compreensões dos professores a respeito do fenômeno do suicídio entre adolescentes, de acordo com seu contexto sociocultural e regional, visto que os comportamentos ou fatores de risco desse público se manifestam mais ativamente em ambiente escolar e, por vezes, é o professor quem recebe diretamente essas demandas e precisa intervir com manejos e abordagens que visem conter os danos.

Assim, compreender mais sobre como os professores entendem e pensam esse fenômeno é um fator importante para saber que estratégias precisam ser trabalhadas sobre prevenção e que caminhos devem ser seguidos na prática de formação e capacitação, para suporte adequado desses profissionais na lida com situações de risco.

A escola tem um importante papel na promoção de saúde entre os estudantes, visto que é um espaço social privilegiado para a transmissão de saberes e desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Desta forma, a discussão sobre o suicídio e estratégias preventivas continuadas deve ser pauta em seu cotidiano, assim como a necessidade de envolver outros setores sociais, como família, órgãos de segurança e saúde, como mobilização para políticas públicas adequadas.

Referências

- Andrada, P. C. de D., Dugnani, L. A. C., Petroni, A. P., & Souza, V. L. T. de. (2019). Atuação de psicólogas(os) na escola: enfrentando desafios na proposição de práticas críticas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 39, 1-16.
<https://doi.org/10.1590/1982-3703003187342>
- Avanci, J. Q., Gonçalves, A. F., Silva Filho, O. C. da, Tavares, P. H., & Assis, S. G. de. (2024). Revisão de escopo sobre habilidades socioemocionais na prevenção do comportamento suicida em adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, 40(7), 1-24. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT002524>
- Braga, L. D. L., & Dell’Aglia, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 1-13.
<https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>

- Brito, M. D. L. de S., Silva Júnior, F. J. G. da, Costa, A. P. C., Sales, J. C. e S., Gonçalves, A. M. de S., & Monteiro, C. F. de S. (2020). Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. *Escola Anna Nery*, 24(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0109>
- Caffagni, C. W. do A. (2024). Qual a função social da escola? Reflexões de nuances sociais e políticas a respeito da instituição escolar. *Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação*, 32(122), 1-18. <https://doi.org/10.1590/S0104-40362024003204250>
- Cid, M. F. B., Squassoni, C. E., Gasparini, D. A., & Fernandes, L. H. de O. (2019). Saúde mental infantil e contexto escolar: as percepções dos educadores. *Pro-Posições*, 30, 1-24. <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2017-0093>
- Garcia, J. M. (2016). Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. *Psico-USF*, 21(2), 423-425. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210217>
- Maciel, E. M., & Teixeira, S. (2023). Professores diante do comportamento suicida de alunos adolescentes: percepções e intervenções. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, 1-8. <http://doi.org/10.1590/2175-35392023-241847>
- Mata, K. C. R. da, Daltro, M. R., & Ponde, M. P. (2020). Perfil epidemiológico de mortalidade por suicídio no Brasil entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia Diversidade e Saúde*, 9(1), 74-87. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rpd.v9i1.2842>
- Oliveira, G. C., Reis, S. C. C., & Borges, E. (2024). Falando sobre o suicídio: prevenção e promoção de vida entre adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 36, 1-9. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2024/v36/6013>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2024). *Viver a vida: guia de implementação para a prevenção do suicídio nos países*. <https://doi.org/10.37774/9789275724248>
- Peters, M. D. J., Godfrey, C., McInerney, P., Munn, Z., Tricco, A. C., & Khalil, H. (2020). Chapter 11: scoping reviews (2020 version). In E. Aromataris & Z. Munn (Eds.), *JBIM Manual for Evidence Synthesis*. JBI. <https://doi.org/10.46658/JBIMES-20-12>
- Prado, A. da S., & Pinto, L. R. (2021). A trajetória da elaboração de um produto educacional como estratégia de prevenção do suicídio e promoção de saúde mental no ambiente escolar. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 9(21), 340-367. <https://doi.org/10.33361/RPQ.2021.v.9.n.21.392>
- Quesada, A. A., Figueiredo, C. G. da S., Aragão Neto, C. H. de, Figueiredo, K. da S., & Garcia, M. S. (2020). *Cartilha para prevenção da automutilação e do suicídio: 15 a 18 anos*. Fundação Demócrito Rocha

- Santos, L. A., & Kind, L. (2022). Itinerários terapêuticos percorridos por pessoas que tentaram suicídio. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 38, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38412.pt>
- Sganzerla, G. C. (2021). Risco de suicídio em adolescentes: estratégias de prevenção primária no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 1-8. <http://doi.org/10.1590/2175-35392021226820>
- Silva, D.T.G., Amaral, L.C., Pedrollo, L.F.S., Silva, A.C., & Vedana, K.G.G. (2025). Prevenção do comportamento suicida na escola: ensino baseado em simulação (EBS). *Educação e Pesquisa*, 51, 1-22. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551276408por>
- Silva, M. M. da, & Barros, L. da S. (2021). A contribuição da escola para a promoção da saúde mental de adolescentes no combate a depressão e ao suicídio. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 21078-21095. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-017>
- Soares, A. G. S., Estanislau, G., Brietzke, E., Lefèvre, F., & Bressan, R. A. (2014). Percepção de professores de escola pública sobre saúde mental. *Revista de Saúde Pública*, 48(6), 940-948. <https://doi.org/10.1590/S0034-8910.2014048004696>
- Vasconcelos-Raposo, J., Soares, A. R., Silva, F., Fernandes, M. G., & Teixeira, C. M. (2016). Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 345-354. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200016>
- World Health Organization. (2025). *Suicide*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>.

3. ESTUDO 2 - SIGNIFICAÇÕES PRODUZIDAS POR DOCENTES DO ENSINO MÉDIO SOBRE SUICÍDIO DE ADOLESCENTES NO MUNICÍPIO DE MANAUS

Resumo

Este estudo propôs-se a investigar as significações produzidas por docentes do ensino médio sobre suicídio de estudantes no município de Manaus (AM), sob vínculo de pesquisa em Processos Psicossociais, do PPGPSI pela UFAM. A pesquisa foi embasada nos pressupostos teórico-metodológicos do materialismo histórico-dialético e da psicologia sócio-histórica, de abordagem qualitativa, exploratória, em um colégio militar estadual de Manaus. Foram realizados dois estudos: o primeiro, inicialmente, se propôs a uma revisão de escopo da literatura científica; contudo, por escassez de literatura científica que respondesse aos objetivos da pesquisa, a partir do material encontrado, foi desenvolvido um ensaio teórico, em complemento a este estudo, de caráter empírico, cujo objetivo foi investigar as significações produzidas por docentes do ensino médio em Manaus sobre o suicídio de estudantes adolescentes. A coleta de dados foi realizada com dez professores voluntários, através da aplicação de uma entrevista semiestruturada, em grupo focal, que promoveu um espaço coletivo de reflexão e troca de experiências. A análise de dados foi feita a partir da análise temática de Braun e Clarke, tendo sido classificada em quatro grandes categorias, a partir da transcrição detalhada da entrevista. Os resultados explicitam que as significações docentes sobre o suicídio de adolescentes manifestam pouco ou nenhum conhecimento sobre o fenômeno e falta de aporte teórico e formativo entre docentes que favoreça o conhecimento e a prática para ações preventivas. Também foi identificada uma escassez significativa de produção científica com ênfase na formação docente, que reforça um descompasso entre as expectativas sociais e institucionais sobre prevenção e as intervenções possíveis no contexto escolar.

Palavras-chave: professores; suicídio; adolescentes; escola; ensino médio.

1 Introdução

O suicídio, definido como uma ação deliberada de uma pessoa de causar a própria morte (World Health Organization, 2025), é um fenômeno complexo, geralmente associado a uma grande quantidade de causas que interagem entre si (Quesada et al., 2020). É considerado um importante problema de saúde pública mundial (Santos & Kind, 2020), que, embora presente na história, denuncia características particulares produzidas pela contemporaneidade capitalista (Oliveira et al., 2024).

Nos últimos anos, tem sido percebido um aumento notável de casos de suicídio no Brasil. De acordo com registros, em 2023, no período pós-pandemia da COVID-19, foram cerca de 16.225 óbitos por lesões autoprovocadas, o que corresponde a uma média de 44 óbitos por dia e 1,3% de casos ao ano. Vasconcelos-Raposo et al. (2018) afirmam que, para cada caso de suicídio, há, pelo menos, 20 tentativas.

Na distribuição por regiões brasileiras, 37,7% dos casos ocorreram no Sudeste, 23,1% no Sul, 23% no Nordeste, 8,75% no Centro-Oeste e 6,71% no Norte. O Boletim Epidemiológico do Estado do Amazonas (SES-AM, 2024) sobre lesões autoprovocadas e suicídio destaca que, em 2023, foram registrados 761 casos de violência autoprovocada.

Em 2018, cenário anterior ao período de pandemia da COVID-19, foram registrados 6,1 casos a cada 100 mil habitantes, a menor taxa de prevalência, embora tenha havido uma linha crescente de casos até o ano de 2020, quando foi percebida uma diminuição nos registros, provavelmente por causa da pandemia, que gerou a redução ou interrupção de serviços de saúde. Em comparação ao ano de 2022, o Boletim ressalta que, em 2023, os números aumentaram em 12% a ocorrência de óbitos por suicídio. O suicídio é a quarta principal causa de morte entre jovens entre 15 e 29 anos, conforme a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS) (2024).

Mata et al. (2020) ressaltam que são considerados fatores de risco tanto o isolamento social quanto a ausência de rede de apoio, sendo potencializadores para pessoas com comportamento suicida. Com relação aos adolescentes, eventos estressores ao longo da vida, histórico de violência, uso de drogas, problemas familiares, ocorrência de suicídio na família e depressão também são considerados fatores de risco (Braga, Dell’Aglío, 2013).

Prevalentemente, os adolescentes encontram-se no ambiente escolar em grande concentração coletiva. Conforme Avanci et al. (2024), o espaço escolar é um local privilegiado para trabalhar com estratégias de prevenção do comportamento suicida.

Desde que a educação passou a ser um direito universal para todas as crianças e adolescentes, a escola tornou-se um local de grande concentração de estímulos e impactos sobre outros aspectos da vida dos indivíduos que a frequentam (Garcia, 2016), e pode vir a ser tanto um ambiente de risco, quanto protetivo (Oliveira et al., 2024).

Isto posto, tornou-se necessária uma investigação das significações dos docentes a respeito desse fenômeno em ambiente escolar, com fins de promover conhecimento para intervenções preventivas e de acolhimento mais eficazes, a considerar fatores de risco como isolamento social, mudança brusca de comportamento, queda no rendimento escolar, agressividade ou humor instável, que geralmente indicam alguma demanda emocional entre adolescentes.

2 Método

2.1 Tipo de pesquisa

Pesquisa qualitativa exploratória, que consistiu em ter “o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental” (Godoy, 1995). O modelo qualitativo de pesquisa pressupõe que existe um vínculo intrínseco entre o sujeito e o ambiente no qual está inserido, cuja relação não pode ser mensurada estatisticamente, sendo consideradas suas percepções e subjetividade na apreensão dos fenômenos de seu cotidiano (Silva & Menezes, 2005).

2.2 Local de estudo

Avanci et al. (2024) descrevem que o espaço escolar é um local privilegiado para trabalhar com estratégias de prevenção do comportamento suicida, e por ser o lugar escolhido por adolescentes para realizar violência autoprovocada (Sganzerla, 2021).

A partir desta compreensão, o local escolhido para estudo foi uma instituição escolar de caráter militar, considerando que esse tipo de estrutura possui características específicas de organização, disciplina e hierarquia, que influenciam diretamente as relações escolares e as formas de lidar com questões emocionais e comportamentais dos estudantes, e permite compreender como esses valores institucionais atravessam o modo como os professores percebem esse fenômeno. A viabilidade da pesquisa deu-se através de um parceiro da UFAM e do próprio colégio, na zona leste de Manaus.

2.3 Participantes

Considerando que lidam diretamente com estudantes entre 15 e 19 anos, participaram deste estudo dez professores exclusivamente do ensino médio, de diferentes áreas de conhecimento, sendo cinco do gênero feminino e cinco do masculino, entre 27 e 62 anos. Destes, três foram autodeclarados brancos e sete pardos. Do total de participantes, nove se declararam heterossexuais e um homossexual. O tempo de docência geral dos participantes variou entre cinco meses e 20 anos, todos admitidos no sistema de educação através de concurso.

A seleção dos participantes aconteceu através de convite realizado pelo coordenador pedagógico do colégio, para quem foi apresentado o projeto de pesquisa e sua proposta inicialmente, tendo sido enfatizados os critérios de inclusão para a participação, de forma voluntária e consensual.

Em decorrência do cronograma de atividades dos professores e a dificuldade para ajustar horários propícios para a realização de pesquisas individuais, a entrevista foi reajustada para o modelo de grupo focal – técnica comumente utilizada em pesquisas qualitativas, onde é reunido um grupo de seis a 12 participantes para discutir um tema que é definido conforme o objetivo da pesquisa, a partir da experiência pessoal dos participantes, tendo como foco do debate o tema proposto (Gatti, 2005).

A autora Gatti (2005) acrescenta que, no grupo focal, o moderador do debate tem interferência mínima, apenas com intervenções que auxiliem nas trocas em grupo, mas que não deem diretividade ao debate, de modo que sínteses, conclusões ou propostas de ideias não sejam feitas, para garantir a interatividade do grupo a respeito do tema.

2.4 Instrumento de pesquisa

Como instrumento de coleta de dados, foi utilizado o grupo focal, que permite a realização de encontro coletivo mediado pelo pesquisador, com o objetivo de promover uma discussão e reflexão entre os participantes sobre um tema previamente definido. Essa técnica permitiu a expressão das significações compartilhadas.

A entrevista foi realizada na sala de reuniões do colégio, em 14 de agosto de 2025, no mesmo dia em que ocorreu a reunião geral dos professores para avaliação global de notas do colegiado, facilitando o encontro com os participantes em horário oportuno para a realização da pesquisa.

A condução do debate aconteceu a partir de um roteiro temático semiestruturado, composto por sete perguntas norteadoras: 1. Para você, o que significa suicídio? 2. O que você acha que leva alguém a pensar em suicídio? 3. O que você acha que leva um adolescente a pensar em suicídio? 4. Você consegue reconhecer quais são os sinais de risco, ou já percebeu algum sinal de risco? 5. Como são feitas as intervenções quando sinais de risco são reconhecidos entre os alunos? 6. Existem ações escolares de prevenção ao suicídio? Quais são? 7. O que você acha que pode ser feito para a prevenção do suicídio nas escolas?

Ao ser iniciado o debate após a primeira pergunta, os participantes começaram a interagir e responder, de modo que não foi necessário intervir nas demais questões, tendo em vista que a própria discussão em grupo já repercutiu respostas aos questionamentos posteriores espontaneamente. A entrevista teve duração de uma hora e 30 minutos, tendo sido gravada em aparelho Ipad, no aplicativo de gravação de voz, para posterior transcrição e análise.

2.5 Procedimento de análise

Após transcrição na íntegra da discussão em grupo, foi utilizado o procedimento de análise temática que é definido pelas autoras Braun e Clarke (2006) como um método para identificação e análise de padrões temáticos nos dados, de modo que devem ser organizados e descritos minuciosamente em conjuntos de dados (ou categorias de análise). A linha de análise temática utilizada foi a reflexiva (*Reflexive AT*), que propõe profundo engajamento com os dados coletados, e é mais comumente utilizada em pesquisas sociais qualitativas.

A análise temática consistiu em seis etapas: 1. Familiarização com os dados, onde ocorre a transcrição e revisão das informações, registro de ideias e *insights* iniciais durante o processo; 2. Geração de códigos, em que são codificados aspectos interessantes dos dados de modo sistemático, e reunidos extratos relevantes para cada código; 3. Busca dos temas, cuja reunião dos dados acontece de acordo com principais temas em potencial, percebidos a partir das etapas anteriores; 4. Revisão dos temas, para checagem se estes funcionam em relação aos extratos, para a elaboração de um mapa temático de análise; 5. Definição e nomeação dos temas, onde há o refinamento dos detalhes de cada um, e a história que a análise conta, em que são formulados nomes e definições; e 6. Produção do relatório, após última análise dos extratos escolhidos na relação com a pergunta de

pesquisa e literatura, e o relato científico da análise. Todas as etapas seguiram o protocolo de análise proposto pelas autoras Braun e Clarke (2006).

2.6 Cuidados éticos

Este estudo foi avaliado e aprovado pelo CEP em Seres Humanos da UFAM, com o parecer nº 7.674.296. Após a aprovação do CEP, a entrevista foi agendada com o colégio e, no dia do encontro, foi lido, junto com todos os participantes, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), com duas cópias devidamente assinadas pela pesquisadora e voluntários.

Todas as dúvidas e esclarecimentos provenientes do documento foram esclarecidas antes da entrevista, tendo sido reforçado aos participantes a preservação da identidade, tanto individual quanto institucional, durante todo o processo de pesquisa. Foi comunicado aos participantes que a entrevista seria gravada para fins de análise, não havendo nenhuma objeção por parte dos voluntários, assim como a possibilidade de interrupção da entrevista em caso de desconforto pelo tema abordado, tendo sido reforçada a disponibilidade de atendimento psicológico aos participantes em caso de desconforto ou angústia, por se tratar de uma abordagem de tema sensível.

3 Resultados e discussão

Após transcrição da entrevista na íntegra, foi dado seguimento a análise a partir das etapas propostas pelas autoras Braun e Clarke (2006), que consiste na releitura da transcrição e familiarização com o tema. Embora tenha sido elaborado um roteiro prévio para a entrevista, não foi necessário fazer intervenções frequentes com perguntas, visto que o debate seguiu naturalmente após a primeira questão.

A figura 1 apresenta um mapa temático do processo de análise e formação dos quatro temas centrais e seus subtemas.

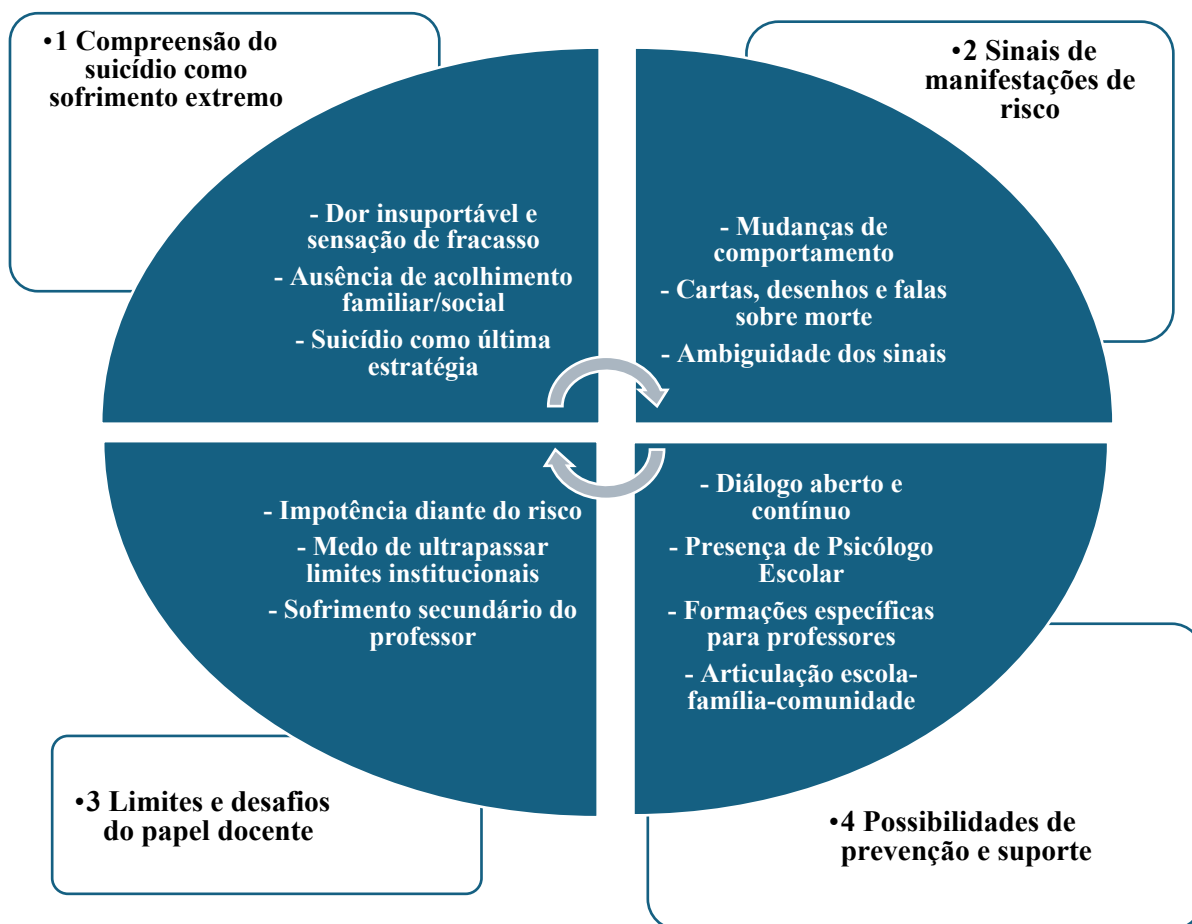


Figura 1. Mapa temático – Análise de professores sobre suicídio de adolescentes.

O debate começou com uma reação reflexiva entre os participantes e, aos poucos, foram intensificando as interações. Com base no método de análise supracitado, quatro temas centrais, e que também são relevantes aos objetivos deste estudo, emergiram a respeito da significação dos professores sobre o suicídio de adolescentes: 1. Compreensão do suicídio como experiência de sofrimento extremo; 2. Sinais de manifestação de risco no contexto escolar; 3. Limites e desafios no papel docente; e 4. Possibilidade de prevenção e suporte institucional.

Compreensão do suicídio como experiência de sofrimento extremo: alguns participantes reconheceram o suicídio como uma última estratégia para resolução de uma dor ou sofrimento insuportável, que inclui sentimento de fracasso, desespero e falta de perspectiva, a considerar que os adolescentes tendem a viver com maior intensidade suas emoções, como pode ser visto nesse trecho:

[...] É como se ela estivesse presa dentro de um escuro e é muito difícil sair dali, muito difícil... então eu acho que muitas das vezes essas crianças que fazem esse tipo de coisa, que cometem esse suicídio, eu acho que elas estão dentro quarto escuro e elas não conseguem abrir a porta [*sic*].

Eu encaro de que o suicídio é a última estratégia, que ele vai tentar pra matar essa dor dele, e ele vai chegar nessa última estratégia significa que ele tentou outras estratégias que ele tentou que não fossem tão extremas a esse ponto [*sic*].

Com base nessas falas, percebe-se que, na compreensão do docente, há um sentimento de desespero e angústia, proveniente de uma prisão simbólica, que se manifesta no sujeito que recorre ao suicídio como solução. Nesse caso, a atitude de suicidar-se não diz respeito, necessariamente, a tirar a própria vida, mas a encerrar com um sofrimento que o sujeito não consegue administrar (Penso & Sena, 2020).

Além disso, os adolescentes experimentam dilemas e contradições no processo de construção de sua identidade, que são inerentes a esse período e podem ser superados. Entretanto, quando seus conflitos compreendem uma complexidade em que a morte passa a ser uma solução, os comportamentos de risco não devem ser ignorados (Moreira & Bastos, 2015).

Para a psicologia sócio-histórica, que fundamenta teoricamente esse estudo, a constituição da subjetividade humana faz parte de um processo histórico-cultural dialético, cuja relação é permeada pelas formas de produção e manutenção da sociedade, onde a individualidade do sujeito compõe um universo social, e esse universo social influencia na individualidade do sujeito, propondo-se a analisar os fenômenos psicológicos como resultantes dessa interação dialética (Bock et al., 2022). A partir desta concepção, o suicídio também pode ser compreendido e explicado como um sintoma social, a considerar as muitas determinações sociais que produzem o sofrimento psíquico.

Quando se trata da formação identitária na adolescência, a qualidade das relações e vínculos sociais estabelecidos exercem maior influência em sua construção, visto que a superficialidade das relações atuais, com aspectos imediatistas e mergulhadas em tecnologia, podem comprometer a boa elaboração do sujeito sobre si e seu lugar no mundo (Penso & Sena, 2020).

Em relação à angústia descrita na fala docente, uma importante reflexão sobre sofrimento e felicidade é válida nesse processo interpretativo. Para Roos e Munhoz (2020), a problematização do que é felicidade envolve a compreensão de como a estrutura social capitalista exerce influência nos modelos de vida que se estabelecem como ideais,

mas que negam as fragilidades e crises, cuja evitação da tristeza passa a ser uma prática comum para escapar de julgamentos sociais. No modelo social predominante, o consumismo não só revela a ferocidade das relações sociais de produção, como também fomenta desigualdades diversas, em uma cultura que supervaloriza o sujeito pelo que ele tem, e não por quem ele é (Almeida, 2018).

A partir dessa compreensão e influência das vertentes teóricas de Marx e Vigotsky, a psicologia sócio-histórica entende que os fenômenos psicológicos não devem ser vistos ou reduzidos à individualidade do sujeito, uma vez que o meio social e sua relação com ele também o constituem (Bock et al., 2022).

Tal problematização pode ser refletida na fala do docente em que menciona um sentimento de inutilidade pelo sujeito em sofrimento (*“acha que não tem mais função”*), e que apresenta essa relação de funcionalidade e pertencimento do indivíduo para com o meio social, cuja existência parece ser validada apenas pelo que ele pode oferecer enquanto utilidade, mas não pela sua subjetividade.

A respeito dessa ideia de funcionalidade ou utilidade implícitas nesse primeiro trecho da entrevista, dentre os comportamentos de risco em pessoas com potencial suicida, a autopercepção do sujeito como sendo um fardo é um importante fator no processo de ideação suicida (Ligório et al., 2024).

Todavia, como é permitido em uma entrevista com grupo focal, outras percepções são apresentadas, e um dos participantes reconheceu o fenômeno do suicídio como uma doença, associada à incapacidade de enfrentar dificuldades cotidianas. Essa visão foi vinculada à ideia de fracasso pessoal, onde o adolescente se vê como incapaz de corresponder às expectativas familiares e sociais, como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] Eu acho que é a fase terminal de uma doença. Porque quando você chega ao suicídio, é... você adoeceu, é... essa doença, ela... desenvolveu e ela chegou a uma fase terminal, que assim como várias outras doenças... É quando já se esgotou todas as possibilidades da pessoa, né, que adoeceu ao ponto de não conseguir mais terapia [*sic*].

Essa fala revela uma tendência interpretativa do suicídio a partir de uma lógica biomédica e moral, em que são articulados sofrimento psíquico intenso, patologia e sensação de fracasso. Esta significação reforça o entendimento do ato suicida como sendo o último recurso diante da dor, e ao mesmo tempo, revela as representações sociais que os professores carregam sobre o fenômeno.

Em conceituação geral, a Organização Mundial de Saúde (WHO, 2025) relaciona o suicídio, primeiramente, à desordem mental, ou transtorno neurológico, associado mais propriamente à depressão, ocasionando taxas de óbitos superiores às de pessoas infectadas pelo HIV ou câncer de mama, com cerca de um milhão de ocorrências anuais no mundo. No entanto, esse fenômeno não se restringe a uma causalidade neurobiológica.

O suicídio tem sido um fenômeno recorrente ao longo da história, analisado por diferentes áreas de conhecimento, com significados e causalidades diversas, e recebe influência do momento e contexto social (Oliveira et al., 2024). Diante dos altos índices de morte autoprovocada no mundo, o suicídio foi classificado como um problema de saúde pública, cuja presença de transtornos psiquiátricos, abuso de álcool e outras substâncias predomina, com uma média de 90% dos casos (Pandey, 2013).

Pandey (2013), em um estudo sobre as bases biológicas para o comportamento suicida, ressalta que há uma possível predisposição genética ao suicídio em pessoas cuja parentela manifestou algum transtorno de humor, visto que o comportamento suicida pode ser observado também nesses sujeitos. Além disso, conexões neurobiológicas não saudáveis, que interferem na produção de neurotransmissores importantes, como a serotonina, por exemplo, podem estar associadas à tendência ao suicídio. Contudo, o fenômeno também precisa ser considerado por outras perspectivas.

Ao ser classificado como um problema de saúde pública, o suicídio passa a ser visto como um fenômeno mais individualizado, a partir de uma visão majoritariamente biomédica, cujas estratégias de intervenção e prevenção serão de responsabilidade de órgãos públicos de saúde. Isso torna “isentos” outros setores da sociedade, que colocam o suicídio sob uma ótica patologizante, cuja prevenção pode ser gerenciada por intervenções medicamentosas e reducionistas ao sujeito, tornando-o um ser impessoal e desconexo de outros contextos (Ortolan & Santos, 2018).

Contudo, a medicalização da vida cotidiana e suas nuances sociais é um mecanismo fortemente disseminado na sociedade capitalista contemporânea, que desconsidera o fato de que a constituição subjetiva também é determinada pela estrutura social, e que as desigualdades socioeconômicas presentes nessa estrutura comprometem diretamente a forma como se entende a própria existência, sob um modelo econômico que dita não só a dinâmica econômica, mas o modo como cada sujeito irá se colocar nesse sistema (Ortolan & Santos, 2018). Desta forma, ao desconsiderar as mediações sociais, culturais e econômicas sobre a subjetividade, também há o risco de minimizar a complexidade que envolve o fenômeno do suicídio.

Uma outra aplicação ao fracasso mencionado pelo participante também foi comentada na discussão, cuja atribuição de causalidade do suicídio envolve não somente um sofrimento individual do sujeito, mas um fracasso social, que pode ser destacado na seguinte fala:

[...] A gente está falando especialmente dos adolescentes que é tudo muito intenso, né, são muitos sentimentos, as emoções, as vivências dos adolescentes até pelo seu próprio desenvolvimento... tudo muito ali intenso, né, uma palavra que a gente pode direcionar a um adolescente pode ficar 10, 15 vezes mais intenso dentro deles, dentro da cabeça deles... então quando ele chega a esse ponto de... é... chegar a conclusão de que, ah... é melhor acabar com a vida dele, é porque ele chegou no desespero. Ele chegou no desespero de “vou querer tirar a própria dor” tirar aquela dor que ele tá sentindo, ou de resolver aquele problema que ele acha que não tem solução, ou porque houve um fracasso em torno dele, né... ou outras pessoas que estão em volta dele, ou porque ele não conseguiu encontrar um espaço de acolhimento [*sic*].

Nesse aspecto, a ideia de fracasso social pode ser refletida a partir de uma perspectiva sociológica, bem desenvolvida pelo sociólogo Durkheim (Almeida, 2018 *apud* Durkheim, 2000), um dos pioneiros nos estudos sobre o suicídio, já que entendia o fenômeno como resultante de um processo coletivo e social. Silva et al. (2018) descrevem que, para Durkheim, os extremos promovem uma fragilização nos indivíduos: tanto um desequilíbrio social, que promove uma reorganização de sua estrutura, quanto o distanciamento ou individualização em excesso, que desconecta o sujeito dos vínculos sociais.

Do ponto de vista de Karl Marx, o modo capitalista de produção promove desigualdades socioeconômicas, que produzem efeitos nocivos aos sujeitos, de modo que seria necessária uma transformação completa nas relações sociais de produção e, desta forma, a redução das taxas de suicídio. Já para Durkheim, não necessariamente a exclusão da forma capitalista de funcionamento resolveria o problema, mas uma interação mais equilibrada entre as instituições sociais, para promover maior controle social e diminuir os impactos sobre o sujeito (Almeida, 2018).

Mesmo com as diferentes contribuições sociológicas de Durkheim e Marx sobre o suicídio, ambos apresentam que há influência do meio social para essa decisão individual. Tal observação também é considerada pela psicologia sócio-histórica, que entende os fenômenos psicológicos como parte da relação com o mundo externo e coletivo, em que há construção mútua entre ambos (Bock et al., 2022).

Nessa perspectiva, a tendência ao suicídio não ocorre por fatores exclusivamente individuais, mas ligados às estruturas sociais, provenientes de uma interação que influencia gradativamente o sujeito a cometer suicídio, visto que cada sociedade já tem uma disposição favorável para a ocorrência do fenômeno (Pedro, 2017). Desta forma, o trecho “*ou fracasso de outras pessoas... porque ele não encontrou um espaço de acolhimento*” remete a um comportamento social imerso em individualismo, que potencializa a fragilização do sujeito.

Alguns dos professores também associaram o ato suicida à ausência de acolhimento familiar e social, além da dificuldade da sociedade em validar a dor do outro. Isso se evidencia na seguinte fala:

Então pra nós o problema pode ser minúsculo, mas pra quem está sentindo pode ser algo tão insuportável, tão surreal, que o fim que daria alívio seria, né, o suicídio, seria o desaparecimento, seria o não estar mais aqui, não sentir mais aquela dor... [sic].

Eles, para mim também, para eles, são um caminho de alívio, alívio. Eles enxergam aquela situação, e muitas das vezes é alcançada pelo adolescente, justamente, em muitos casos os pais não conseguem né, se atentar à situação dentro de casa, e esses adolescentes dão sinais, muitos sinais dentro de casa e na escola também [sic].

Com base nesses trechos, tais compreensões sugerem que o suicídio não parte de uma escolha racional, mas como um tipo de desfecho de tentativas frustradas de lidar com o sofrimento. Em um estudo com adolescentes sobre suicídio, identificou-se uma relação entre o sentimento de derrota, de ser um fardo para outros, e a falta de pertencimento, com a sensação de “não ter saída” (Ligório et al., 2024). Nesse caso, tanto a percepção dos professores quanto a dos adolescentes sobre o mesmo fenômeno assemelha-se à ideia de que há um sofrimento profundo envolvido, que propulsiona a ideação suicida a ponto de tornar a capacidade de tomada de decisão comprometida. Contudo, reduzir o suicídio a uma ação impulsiva desconsidera a complexidade e abrangência de problemas que envolvem o fenômeno.

Sinais de manifestação de risco no contexto escolar: os participantes relataram a existência de alguns sinais passíveis de observação em sala de aula que podem indicar risco, tais como mudança brusca de comportamento, isolamento, produção de cartas com conteúdos de morte, desenhos e verbalizações que, mesmo apresentados em tom de

brincadeira, despertam preocupação nos professores, que relatam ter dificuldade em reagir ou acolher, por insegurança e medo de ser “mal interpretado” [sic].

Uma das coisas que observo dessas dificuldades em sala de aula é... por exemplo, muitas vezes o aluno está fazendo atividade, e peço “quando vocês terminarem, tragam pra mim.” Aí vem um, vem outro, vem outro... aí quando observo assim, um sinal, aí pergunto: “e aí, como é que tá?” “ah, professor... tô meio triste, e tal... não sei o que” aí ele fala bem assim: “sei lá, professor... tá difícil as coisas pra mim... eu acho que é melhor eu me matar” então, pra mim, quando um aluno fala isso, eu já inclino a cabeça, então ele fala “não professor, é brincadeira”, só que, pra mim, eu tenho uma filosofia que assim: “a boca fala do que o coração está cheio”, então se ele falou essa frase, pode ser que não seja brincadeira ou não, mas isso pra mim já é um indício de alguma coisa... [sic].

Esse trecho revela uma percepção mais sensível por parte do docente em interpretar algum sinal, mesmo que não tenha conhecimento elaborado sobre o assunto, sugerindo que brincadeiras ou falas desconexas do adolescente podem sinalizar problemas não identificados em um primeiro momento.

Hua et al. (2024) descrevem que os adolescentes tendem a apresentar quadros patológicos que incluem sintomas de depressão, bipolaridade, e/ou uso de substâncias tóxicas que são facilmente confundidos pela sociedade com os conflitos provenientes de suas transformações biológicas, o que contribui para que o sujeito esconda seu sofrimento psíquico. Contudo, a presença de psicopatologias em adolescentes contribui fortemente para o comportamento de risco.

Entre os transtornos mentais de maior incidência entre adolescentes, estão: transtorno depressivo maior, transtorno bipolar, esquizofrenia e transtornos causados pelo abuso de álcool e outras substâncias químicas. Todavia, mesmo que sejam considerados comportamentos de risco para o suicídio, nem sempre existe a presença de um transtorno no sujeito com potencial suicida, mas conflitos inerentes da dificuldade de interação e inserção social, solidão e baixa autoestima (Sganzerla, 2021).

Como fatores de contribuição ao comportamento de risco, os participantes sinalizaram alguns desafios vividos pelos adolescentes que envolvem conflitos internos de sua formação subjetiva, como destacado na fala a seguir:

[...] querendo ou não é um fator, a fase da adolescência, principalmente hoje, fator hormonal com esse nível, ele também bagunça a vida do aluno, principalmente aqui dentro, porque a gente sabe todo aluno na fase pré-adolescente e adolescente tem essa dificuldade de aceitação de imagem, de aceitação da sociedade, comportamental, de habilidades hormonal, então é uma é uma série de fatores [sic]

Aqui é trazido um importante aspecto a respeito de fatores de risco para o suicídio: a construção da autoestima do adolescente. Oliveira et al. (2024) apresentam que a autoestima é resultado da representação social que o sujeito carrega sobre si, e que é modulada pelas relações estabelecidas desde a infância, somadas às características individuais. Nesse processo, uma autoestima mal desenvolvida ou fragilizada promove ao sujeito uma percepção de incapacidade para resolver problemas, cujas projeções sobre seu futuro serão marcadas por um teor de negatividade ou pessimismo.

Por outro lado, ao longo dos anos, a adolescência tem sido vista culturalmente como problemática e marcada por crises. No trecho destacado acima, é possível perceber que há uma tendência a naturalizar determinadas posturas do adolescente, como inerentes à maturação biológica em curso. Embora as crises existam, a adolescência não deve ser resumida deste modo, visto que essa representação social pode reforçar estereótipos sobre o adolescente, que já tem como desafio elaborar uma significação sobre seu próprio corpo enquanto sujeito e interpretar as influências externas a si, que também o modificam (Souza & Silva, 2018).

Além disso, é importante lembrar que a adolescência é um conceito construído socialmente no final do século XIX, que corresponde ao período marcado pelas transformações físicas, psíquicas e sociais do sujeito, cuja relação consigo e com o mundo externo é permeada por contradições e ambiguidades (Bock, 2017).

Por suas características intermediárias entre a vida infantil e adulta, a maturação biológica tem sido observada como um importante marcador dessa fase. Todavia, a partir de uma visão histórico-cultural, a construção da subjetividade não acontece exclusivamente como resultado do desenvolvimento biológico, mas de uma relação cultural e histórica (Souza & Silva, 2018). Desta forma, a construção da autoimagem ou autoestima não diz respeito, exclusivamente, à forma como o adolescente reconhece a si mesmo, mas também está ligada à forma como interage e está inserido no mundo à sua volta.

Por esta razão, aspectos importantes de serem avaliados sob perspectivas mais abrangentes em relação ao desenvolvimento do adolescente enquanto sujeito social misturam-se aos seus conflitos internos e acabam dificultando uma percepção mais assertiva sobre possíveis comportamentos de risco. Isso pode ser visto na fala dos participantes que também destacaram a ambiguidade dos sinais, quando relatam que comportamentos de risco podem se manifestar tanto em alunos retraídos quanto em

alunos ativos e extrovertidos, e que isso dificulta ainda mais a identificação correta e precoce de algum indício importante, como se destaca no trecho a seguir:

[...] pra mim é uma doença é porque quando ela começa a se apresentar e ela apresenta de várias de formas diferentes, ela vai se apresentar num menino que se mutila ou que está calado, no que tá superativo e do nada se fecha, no que tá todo tempo demonstrando, colocando esses sinais e aquele que não tem sinal nenhum, porque tudo acontece dentro dele, tudo acontece dentro da cabeça dele [*sic*].

A dificuldade expressa nesse trecho indica que, se os professores, que são as figuras mais próximas, não tiverem uma compreensão mais ampla do fenômeno e dos conflitos que envolvem a adolescência, estratégias de prevenção ou intervenções podem ser ineficientes em sua aplicação, e podem reforçar o sentimento de insegurança ou constrangimento por parte dos educadores ao lidar com tais situações e identificar potenciais comportamentos de risco (Maciel & Teixeira, 2023). Além disso, os autores Maciel e Moreira (2023) reforçam que a escola é um espaço estratégico para identificação e intervenção dos professores diante de situações de risco, sendo necessário um aporte adequado aos docentes para tais ações.

O conhecimento a respeito da adolescência e suas nuances, bem como dos comportamentos de risco, deve fazer parte do processo de prevenção primária nas escolas, cujo foco é intervir nos fatores que comprometam a saúde mental dos adolescentes. Já as intervenções preventivas secundárias têm como foco estratégias para alcançar os jovens que apresentam comportamento de risco com potencial suicida, em que se manifestam mudanças bruscas de humor, queda significativa no rendimento escolar, desânimo constante, desleixo com a imagem e higiene pessoal, dentre outros indicadores que podem ser percebidos no contexto escolar (Sganzerla, 2021).

Assim, conhecer adequadamente as nuances que envolvem o público adolescente para identificar o que é típico e atípico em seu desenvolvimento, passa por uma necessidade de capacitação adequada e continuada entre os docentes, o que será discutido na seção a seguir.

Limites e desafios no papel docente: os participantes destacaram sentimentos de impotência e insegurança diante do fenômeno do suicídio, reconhecendo que, embora estejam em contato direto com os adolescentes, não possuem preparo adequado para intervir em situações de risco. A ausência de formação específica sobre o tema foi evidenciada de maneira clara em uma das falas destacadas a seguir:

Eu não domino esse assunto... nunca tive contato com situação assim. Deve ter tido alguma, mas eu nunca tive contato assim. O que conheço é através da minha esposa, que é Psicóloga também, e lá no interior tem casos assim e ela comentou de alguns, mas sem detalhes, ne, de alunos que cortam o braço, que tem ansiedade, ne... [sic].

Esse relato explicita a fragilidade do suporte formativo ofertado ao professor, revelando uma lacuna entre as demandas emocionais e sociais apresentadas pelos estudantes e as condições objetivas de atuação docente. Além disso, evidencia a necessidade de capacitação contínua e de suporte especializado dentro da escola, a fim de que os professores não se sintam sozinhos ou sobrecarregados diante de situações tão complexas.

Brito et al. (2020) descrevem que o dilema escolar para a promoção de estratégias preventivas do suicídio ocorre por causa da minimização do problema, que reverbera na ausência de capacitação adequada dos professores para intervirem de forma segura e assertiva em casos emergenciais, aos quais são expostos em seu cotidiano, mas não sabem como agir ou abordar o tema.

É bem verdade que nem todas as escolas têm infraestrutura adequada e aporte humano suficiente para promover um ambiente propício à execução de trabalhos voltados ao cuidado com a saúde mental dos estudantes. Todavia, as demandas e vulnerabilidades do alunado não devem ser ignoradas, e as escolas precisam estar abertas ao trabalho multidisciplinar com outros setores da sociedade, para ampliar suas possibilidades de cuidado (Silva & Jurdi, 2022).

Em relação às intervenções docentes diante de situações de risco, os participantes reconheceram os limites de atuação, visto que estão diretamente na linha de frente, mas também são atravessados por sentimentos de insegurança e medo de ultrapassar barreiras éticas ou institucionais.

[...] a gente tem que manter uma distância sim, até porque eu tive diversas situações de acusações de assédio, ne? Então pra gente também já tem esse outro lado. Até que ponto o professor tem que tá agindo, porque a gente quer ajudar né, mas aí já transforma em outra situação, então a gente também precisa pensar por esse lado, né.. e aí a gente vai até onde nos é permitido, então a nossa petição é até aqui, daqui pra frente, infelizmente, a gente não pode fazer. Eu não sei se é uma visão muito dura, ne, da realidade, mas eu enquanto professora observo dessa forma. Eu só posso ir até aonde me é permitido, e é aqui, ne? [sic].

É consenso que a prática docente atual está envolta em muitos desafios, tais como a cobrança por produtividade, remuneração insatisfatória, desvalorização da profissão e sobrecarga física e mental, que afetam sua qualidade de vida e condições de trabalho (Silva et al., 2023). Esse trecho remete a esse dilema entre o que é função do professor e aquilo que pode ser oferecido ou não em sua prática docente em termos de acolhimento.

Com isso, a reflexão sobre como a escola pode se tornar um ambiente promotor de saúde mental para seus participantes pode ser incluída em debate social, visto que são reunidos em seu espaço, diariamente, um grande número de adolescentes e jovens (Silva & Barros, 2021).

Um dos participantes relatou, com comoção evidente, o caso de uma aluna de 13 anos que cometeu suicídio quando era acompanhada pela docente em um projeto pedagógico. Nesse momento, todos ficaram em silêncio e reflexivos. A seguir, um trecho marcante de sua participação:

Bom, eu não gosto nem... mas decidi participar, aqui na escola a gente já teve essa experiência, e eu não superei. (participante em lágrimas) Fazia um projeto o ano inteiro em sala de aula, com historinhas, etc... e essa aluna minha participou do projeto ativamente. A culminância do projeto foi uma festa de 15 anos, ela estava linda, foi lá comigo e disse: professora obrigado por esse projeto. Na outra semana, tinha praticado suicídio. Eu tinha feito um diário e uma carta assim para eles e eles me entregaram e a gente combinou assim; “daqui a 12 anos eu vou entregar para vocês [sic].

Em sua fala carregada de emoções, um dos participantes descreveu a dificuldade de superar o caso, onde afirma que “*não quero superar*” [sic]. Tal situação demonstra que o suicídio não termina com o ato em si, como descreve o autor Netto (2007), e que há um sofrimento secundário, quando o docente precisa lidar com as consequências emocionais de casos de tentativa ou do ato consumado em sua turma, enfrentando impactos pessoais e profissionais, conforme descreve o trecho a seguir:

E nós, enquanto professores, que vamos lidar com toda uma turma depois que aconteceu um incidente como esse, por exemplo? Então como que a gente vai lidar com toda aquela turma? Ficar de frente sem.. né, ficar apreensivo, porque a gente fica, ne.. [sic].

Netto (2007) ressalta que questões que permeiam o suicídio permanecem sem resposta, tais como a motivação ao ato, problemas pessoais, sociais, familiares e econômicos, que acabam não sendo devidamente contemplados na compreensão do

fenômeno. Reforça, ainda, a necessidade de conhecimento social adequado a respeito do assunto, visto que os fatores que envolvem o suicídio são críticos e complexos.

Gomes e Costantinidis (2023) descrevem que os efeitos do suicídio sobre as pessoas próximas envolvem angústia e sentimento de culpa, e que experimentam sofrimento psíquico, físico ou social de modo que os impactos do fenômeno sobre quem fica promovem inquietações profundas e, por isso, são denominados sobreviventes.

Tal situação foi percebida durante o relato do participante, cujo discurso carregado de emoção também apresentava um teor de culpa, e a ideia de “*o que eu poderia ter feito?*”. Além disso, o tipo de luto por alguém que comete suicídio é diferente, considerando os questionamentos que permeiam o fenômeno, assim como a repercussão do caso e as interpretações ou reações sociais sobre a forma do óbito (Gomes & Costantinidis, 2023).

Por isso, o desafio posterior a um caso de suicídio de adolescente não se limita ao luto familiar, mas afeta também as pessoas próximas ao sujeito; assim, é necessário promover reflexões sociais sobre os fatores que influenciam nos comportamentos de risco. Abordar adequadamente o suicídio nas escolas é um importante instrumento à prevenção do fenômeno, que auxilia na desmistificação do tema, para torná-lo conhecido e transmitir esperança aos que apresentam ideação suicida (Oliveira et al., 2024).

Para tanto, é necessário não minimizar os conflitos da adolescência ou comportamentos considerados inadequados, e reduzi-los unicamente à existência de fatores psicopatológicos, que podem ser controlados por medicamentos, colocando exclusivamente sobre o sujeito a responsabilidade por sua condição e isentando fatores sociais de contribuição sobre essas demandas, tanto no cuidado, quanto na prevenção; por isso há relevância na discussão sobre saúde mental e suicídio também nas escolas (Saggese, 2021).

Ao afirmar que “*não quero superar*” [sic], o participante transmitiu não somente a comoção pelo impacto causado pela perda da aluna, mas uma forma de não “apagá-la” da história pelo tipo de morte que sofreu, visto que o tema do suicídio é visto como um tabu para ser discutido socialmente. Nesse sentido, o conceito de morte e seus significados em diferentes culturas tem influência na forma como o luto após o suicídio de alguém será vivido.

Netto (2007) apresenta três importantes aspectos a serem considerados sobre o suicídio e na forma como ele é significado socialmente: a percepção sobre a vida e a morte na cultura ocidental, com influência desde o pensamento religioso ao político; a relação

entre o desenvolvimento tecnológico e material da sociedade com o suicídio; e a forma como o sujeito desenvolve sua consciência sobre si e sobre os que lhe cercam. Desta forma, a compreensão do suicídio requer conhecimento não somente das motivações individuais que levaram alguém a cometê-lo, como também é necessário considerar as questões históricas e sociais que envolvem o fenômeno.

Como um fenômeno que desperta interesse desde a Antiguidade, suas múltiplas causas e influências perpassam por diferenças sociais e culturais, que atribuem significados diversos ao suicídio. Na Antiguidade, a morte era vista como um caminho à felicidade, e esse pensamento era considerado por movimentos filosóficos, como aristotélicos, cínicos, cétricos do período helenista e outros. Já no período de Santo Agostinho até o final da Idade Média, com a grande influência religiosa sobre o pensamento social, pensadores como ele mantinham uma posição mais neutra em relação ao suicídio. Todavia, o próprio Agostinho, posteriormente, atribuiu o significado de assassinato ao suicídio, baseando-se no mandamento bíblico “não matarás”; a partir disso, o ato passou a ser considerado fortemente como uma transgressão ou grande pecado (Gondim & Martins, 2021).

Com base nesse histórico interpretativo social do Ocidente sobre o suicídio, compreende-se melhor porque o luto por suicídio é diferente. A influência cultural sobre como se percebe a vida e a morte modula também a forma como a sociedade irá lidar com demandas como o suicídio. No relato do participante sobre a morte da aluna, percebe-se essa insistência em lembrá-la, como uma forma de confrontar a ideia de que ela não deve ser mencionada por ter tirado a própria vida.

A evitação social em falar sobre o suicídio já sinaliza uma carência coletiva em entender o fenômeno e aprender a lidar com o fato de que ele não se resume a um problema individual, mas envolve relações estruturais da sociedade que promovem sofrimento e favorecem o ato. Nessa perspectiva, a tendência ao suicídio não ocorre por casos isolados, visto que cada sociedade já tem uma disposição favorável para a ocorrência do fenômeno (Pedro, 2017).

Possibilidades de prevenção e suporte institucional: quando perguntados a respeito de campanhas e programas de prevenção na escola, os professores destacaram a necessidade de diálogo aberto e contínuo sobre saúde mental no ambiente escolar, incluindo a criação de espaços de escuta e atividades de conscientização. A presença de psicólogos escolares e profissionais especializados foi apontada como fundamental:

A figura também do profissional dentro da escola é uma utopia hoje, mas quem sabe amanhã seja algo mais viável, se tivermos incentivo a isso porque muitos alunos, eles querem falar com o psicólogo, eles pedem pra falar, então quando tem o psicólogo na escola eles conseguem fazer inclusive, muitos deles tem a liberdade em dizer “professor eu vou para o psicólogo agora [*sic*].

No Brasil, em 2019, foi sancionada a Lei nº 13.935, que inclui os profissionais da psicologia e serviço social para prestação de serviços regulares em escolas públicas da educação básica, com a finalidade de atender às necessidades e políticas de educação, cujo trabalho multidisciplinar proporcione a atenção e cuidados relevantes ao contexto escolar. Apesar de ser uma recomendação por lei, não há obrigatoriedade da inserção destes profissionais, e fica a critério das escolas adotarem ou não essa intervenção, já que ainda faltam políticas públicas mais eficazes que possam tornar a acessibilidade desses serviços em comunidades carentes uma realidade prática (Andrada et al., 2019).

Assim, a promoção de saúde mental no ambiente escolar como forma preventiva aos comportamentos de risco requer o envolvimento e capacitação dos educadores no processo de multidisciplinaridade e acolhimento das demandas emergentes (Sganzerla, 2021). Além disso, uma parceira multidisciplinar, que inclua profissionais como o psicólogo, pode favorecer os cuidados e a mediação necessária entre as complexas relações que envolvem o contexto escolar (Andrada et al., 2019).

Os participantes também ressaltaram a importância de uma formação continuada para lidar com a temática, bem como de campanhas de prevenção que extrapolem a dimensão pontual e passem a integrar o calendário escolar:

É, esses assuntos que tratam da saúde mental são tão importantes quanto esses demais né, que também faz parte desse processo. Todos nós estamos sujeitos a isso dentro da escola, como pais, como professores, precisa quebrar esse tabu [*sic*].

Acho que um trabalho de conscientização do corpo escolar, de perceber que isso é um problema e um problema que faz parte da gente, que nem sempre vai dar sinais, porém existem sinais que podem ser percebidos. Outra coisa, é, dialogar sobre essas situações que acontecem, que não fique fechado, quando a gente leva para alguém que está acima da gente que isso seja compartilhado com outros colegas, porque até mesmo nós, não temos essa liberdade de falar com todos os colegas, porque a gente não sabe como que esse colega vai se comportar. Então algumas coisas a gente acaba dividindo, olha aconteceu isso, então a gente abre, já tinha visto, isso. Mas se é algo que está acontecendo que ele seja dialogado, vê se pode também né, trazer, assim como a gente faz conselho de classe sobre a vida acadêmica do aluno, que essas situações também sejam levadas nesse processo, que a gente consiga também observar [*sic*].

Nesse trecho, os participantes trouxeram a necessidade de um espaço acolhedor na escola para troca de experiências e conhecimento, como forma de suporte e apoio aos docentes, não limitando a campanha de prevenção somente aos alunos, mas estendendo essas intervenções e cuidados aos professores, como forma de fortalecer a prevenção.

Moretto et al. (2017) consideram que há necessidade de falar sobre o suicídio, não sob a perspectiva de tabu por receio do efeito contágio, mas abordar as causas possíveis para o desenvolvimento da ideação suicida, que inclui os sofrimentos psíquicos do sujeito, a partir de uma atitude preventiva, cujo entendimento dos fatores que antecedem a ideação poderá facilitar intervenções mais assertivas. Isso remete a uma estratégia prática, que inclua a formação de espaços intencionais entre docentes como uma ferramenta de partilha e troca de conhecimentos sobre demandas e intervenções.

Como uma instituição pública, que representa o Estado, e que também é responsável no processo de socialização e imersão cultural, a escola reúne, em seu ambiente, crianças e adolescentes atravessados por sofrimentos, que buscarão em seus educadores referências e amparo para sua construção identitária. Assim, os docentes são os que lidam e acompanham de modo mais próximo os dilemas desse público, deparando-se com a necessidade de administrar situações que vão além do calendário pedagógico (Friedemann & Narvaez, 2020).

Embora a atenção à saúde mental dos adolescentes tenha necessidade de ações intersetoriais, o fato é que esta instituição se encontra em um espaço social estratégico para promoção de atenção e prevenção a comportamentos de risco, e isso requer uma parceria que inclua setores de saúde, famílias e demais colaboradores (Silva et al., 2025).

Essa necessidade também foi reconhecida entre os participantes, quando afirmaram que o trabalho preventivo exige articulação e parceria entre família, escola e comunidade, uma vez que as vulnerabilidades dos adolescentes não se restringem ao espaço escolar, como pode ser visto no trecho a seguir:

[...] Esse processo é meio complicado, que a gente precisa que venha desde os pais até atingir nós professores nesse processo, porque, é, a começam muito cedo isso, então a criança primeiro é educada em casa, ela vai se espelhar no comportamento dos pais, no que eles falam e muitas vezes eles replicam as coisas que ele vem em casa, na escola; por isso que o bullying ele tem aumentado muito nas escolas, eu vivencio isso à tarde em outra escola que eu dou aula pro sexto ano lá [*sic*].

No trecho acima, os docentes trouxeram tanto a importância da contribuição familiar no processo de educação dos adolescentes, quanto o *bullying* como um tipo de

violência frequente e que expõe os adolescentes a comportamentos de risco. A família, como núcleo social primário ao sujeito e ambiente propício à formação de vínculos, pode contribuir positiva ou negativamente sobre o sentimento de pertença e elaboração de referências para uma construção de identidade (Penso & Sena, 2020).

Quando a formação de vínculos sociais não é desenvolvida de forma saudável e segura ao sujeito, pode haver fragilização do sentimento de pertença; desta forma, a qualidade das relações que se estabelecem é um fator significativo, pois o sujeito pode produzir significações de ser um peso para os demais, e favorecer o surgimento de ideias suicidas (Ligório et al., 2024).

Estendendo-se a necessidade de formação de vínculos seguros e que favoreçam o senso de pertencimento, violências como o *bullying* aparecem como um forte fator ao desenvolvimento de desordens psicológicas em adolescentes, estando também relacionado ao surgimento de comportamentos de risco (Sganzerla, 2021). Deste modo, a parceria entre família e escola pode favorecer a reversão dessa realidade.

É consenso que a prática docente atual está envolta em muitos desafios, tais como a cobrança por produtividade, remuneração insatisfatória, desvalorização da profissão e sobrecarga física e mental, que afetam sua qualidade de vida e condições de trabalho (Silva et al., 2023).

Novas atribuições e públicos ainda maiores são colocados à responsabilidade dos docentes e promovem uma sobrecarga de atividades que reverberam em sua atuação profissional, além da lida com processos burocráticos inerentes à sua função. Diante disto, a parceria multidisciplinar, com a inserção de profissionais da psicologia, por exemplo, poderia contribuir para otimizar tais atribuições (Andrada et al., 2019).

Além desses fatores, os participantes também mencionaram que se tiverem interesse em saber mais sobre saúde mental e prevenção, a busca pela capacitação é feita por iniciativa pessoal, e que há plataformas disponíveis pelo Ministério da Educação para cursos diversos, inclusive de saúde mental, mas que o aporte necessário para intervenções não é suficiente, como se descreve nesse trecho:

o curso de saúde mental eu paguei do meu bolso. Não foi um curso barato, mas foi feito por uma psicóloga muito competente aqui na cidade, então fui, paguei lá, e comecei a fazer o curso... [sic].

E também

A gente, na verdade, ano passado, tinha uma professora que trabalhou no fundamental aqui e ela nos trouxe algumas atividades, algumas palavras, ne... palavras de incentivo, que nós levamos e combinamos de conversar com os alunos, então, por exemplo, eu trabalhei com 3ª série ano passado, houve esse momento de conversa, ne... mas foi iniciativa de outra professora do fundamental, pela parceria de conversar aqui em atividades, e eu levei pra 3ª série. Mas foi algo pontual; não foi algo contínuo que a gente consiga perceber o trabalho, e não que a gente vá conseguir abarcar todo mundo, mas pelo menos tendo uma válvula de escape e criar o espaço pra que haja segurança de falar. Mas foi só assim, essa atividade [sic].

Em geral, a convivência escolar apresenta desafios, por reunir crianças e adolescentes cuja necessidade de socialização existe, bem como seus conflitos subjetivos e coletivos. Desta forma, ações promovidas pela escola para desenvolvimento de habilidades sociais saudáveis podem favorecer o fortalecimento psicossocial dos adolescentes e ajudá-los a lidar com os conflitos correspondentes à sua realidade cotidiana, como forma de prevenção (Sganzerla, 2021). Isso vai além das palavras de incentivo, requerendo ações práticas e eficientes.

Como adendo a essa discussão, embora o colégio estudado seja de responsabilidade estadual, no município de Manaus, as ações de suporte promovidas pela rede de educação especificamente para lidar com a pauta de suicídio de adolescentes é inexistente. Contudo, as instituições escolares sob jurisdição municipal têm acesso ao suporte do Centro Municipal de Atendimento Sociopsicopedagógico, que é um dos órgãos responsáveis pelo acompanhamento de frequência escolar e aprendizagem do alunado, e também estende seu acolhimento às famílias. A rede municipal de educação em Manaus também dispõe de parceria com a Ordem dos Advogados do Brasil, Tribunal de Justiça, Procon Manaus e Ministério Público, que promovem palestras para as famílias e a comunidade, como forma de abordar os temas emergentes. Também são dispostos estagiários de psicologia de faculdades parceiras.

4 Considerações finais

O suicídio é um fenômeno complexo, envolto em questões inquietantes existenciais sobre a vida e a morte, bem como as motivações que levam alguém a recorrer a esse tipo de violência autoprovocada. Como um problema complexo, as respostas ou resoluções também não são simples, e necessitam de maiores discussões e conscientização social.

As investigações feitas entre docentes a respeito do tema revelaram que ainda há entre eles uma carência de conhecimento adequado e mais elaborado sobre o fenômeno, visto que a própria definição do suicídio não se tornou algo simples de discutir em debate. O desconforto e a insegurança ao lidar com o assunto podem contribuir para o distanciamento do processo preventivo na escola e, por isso, é necessário investimento adequado no processo de formação docente, que inclua as nuances da saúde mental em sua prática pedagógica.

Quanto às estratégias de intervenção e acolhimento na escola, foi possível observar a fragilização das campanhas, considerando a superficialidade com que se trata o tema da prevenção ao suicídio. Espaços de diálogo e trocas de conhecimento não são existentes e, caso fossem, seriam uma ferramenta de suporte, tanto para a partilha entre docentes, quanto para o fortalecimento da capacitação multidisciplinar sobre intervenções em situações de comportamento de risco.

Quando se trata de adolescência, os estigmas e estereótipos que incluem essa fase reforçam uma ideia de naturalização do sofrimento psíquico do sujeito, minimizando ou retirando os impactos sociais, culturais e econômicos que contribuem para seu adoecimento. Ao considerar que a formação de um sujeito e sua inserção no mundo são resultado de uma interação de troca mútua de influências, o suicídio de adolescentes não deve ser considerado um problema exclusivamente psicopatológico, mas deve haver a conscientização sobre que tipo de vida e influências ambientais são inferidas sobre a formação do adolescente e como o ambiente escolar pode ser um instrumento estratégico para a promoção de espaços de acolhimento e fortalecimento do senso de pertencimento em meio às demandas da coletividade.

Com base nas significações apresentadas pelos docentes que participaram da pesquisa, é possível perceber que a falta de capacitação e suporte adequado aos professores favorece não somente uma fragilização nas campanhas preventivas do suicídio nas escolas, como também os sobrecarrega emocionalmente, visto que se veem limitados e inseguros para lidar com o fenômeno.

Os docentes reconhecem que há sofrimentos que se manifestam através de comportamentos de risco, mas não sabem intervir adequadamente; também percebem a necessidade de conhecer melhor sobre o suicídio, para ter maior assertividade na prevenção. Embora não tenham sido mencionados diretamente pelos docentes, aspectos interpretativos que sugeriam inferência da religiosidade dos participantes sobre o suicídio ou comportamento de risco de adolescentes surgiram de modo discreto no debate, o que

pode ser mais explorado em uma outra perspectiva de pesquisa, já sendo identificada aqui uma limitação nesse estudo.

Em relação ao suporte da rede de educação de Manaus, os professores sinalizaram que há um distanciamento da prática docente no enfrentamento de questões voltadas à prevenção do suicídio, cuja iniciativa de capacitação específica para esse objetivo deve ser particular. Além disso, o suporte do profissional de psicologia mostrou-se limitado, considerando que há apenas um Psicólogo para uma rede composta por várias escolas na região. Mesmo com a Lei nº 13.935 em vigência desde 2019, cada município tem a flexibilidade de aderir ou não à inserção desses profissionais nas escolas; com isso, no município de Manaus, em 2025, ainda não há uma adesão total a essa necessidade.

Ademais, sugere-se novos estudos, que contemplem aspectos da influência do pensamento religioso sobre o suicídio e como essa percepção contribui ou não para a prevenção de comportamentos de risco. Além disso, como o suicídio de adolescentes é notificado aos órgãos responsáveis e como são abordados os impactos posteriores dos casos no ambiente escolar e na comunidade que o adolescente fazia parte.

Assim, as discussões sobre o fenômeno do suicídio precisam ser incluídas em debates docentes, para que o devido conhecimento e a capacitação com parceria multidisciplinar favoreçam práticas preventivas em contexto escolar, de modo que sejam evitados os extremos, tais como considerar um tabu falar sobre suicídio, ou tratá-lo de forma simplista e reducionista, para que não seja perpetuada a dificuldade de enfrentamento do problema.

Referências

- Almeida, F. M. de. (2018). O suicídio: contribuições de Émile Durkheim e Karl Marx para a compreensão desse fenômeno na contemporaneidade. *Revista Aurora*, 11(1), 119-138. <https://doi.org/10.36311/1982-8004.2018.v11n1.07.p119>
- Andrada, P. C. de D., Dugnani, L. A. C., Petroni, A. P., & Souza, V. L. T. de. (2019). Atuação de psicólogas(os) na escola: enfrentando desafios na proposição de práticas críticas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 39, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187342>
- Avanci, J. Q., Gonçalves, A. F., Silva Filho, O. C. da, Tavares, P. H., & Assis, S. G. de. (2024). Revisão de escopo sobre habilidades socioemocionais na prevenção do comportamento suicida em adolescentes. *Cadernos de Saúde Pública*, 40(7), 1-24. <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT002524>

- Bock, A. M. B. (2007). A adolescência como construção social: estudo sobre livros destinados a pais e educadores. *Psicologia Escolar e Educacional*, 11(1), 63-76. <https://doi.org/10.1590/s1413-85572007000100007>
- Bock, A. M. B., Gonçalves, M. G. M., & Furtado, O. (Orgs.). (2007). *Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia*. Cortez
- Bock, A. M. B., Rosa, E. Z., Gonçalves, M.G. M., & Aguiar, W. M. J. (2022). *Psicologia sócio-histórica: contribuições à leitura de questões sociais*. EDUC
- Braga, L. D. L., & Dell’Aglío, D. D. (2013). Suicídio na adolescência: fatores de risco, depressão e gênero. *Contextos Clínicos*, 6(1), 1-13. <https://doi.org/10.4013/ctc.2013.61.01>
- Brasil. (2019). *Lei 13.935 de 11 de dezembro de 2019*. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113935.htm
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Brito, M. D. L. de S., Silva Júnior, F. J. G. da, Costa, A. P. C., Sales, J. C. e S., Gonçalves, A. M. de S., & Monteiro, C. F. de S. (2020). Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. *Escola Anna Nery*, 24(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0109>
- Durkheim, E. (2000). *O suicídio: estudo de sociologia*. Martins Fontes
- Friedemann, A., & Narvaez, J. (2020). Impacto da escola na ideação suicida de adolescentes. *Estilos da Clínica*, 25(3), 471-487. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i3p471-487>
- Garcia, J. M. (2016). Saúde mental na escola: o que os educadores devem saber. *Psico-USF*, 21(2), 423-425. <https://doi.org/10.1590/1413-82712016210217>
- Gatti, B. A. (2005). *Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas* (Série Pesquisa em Educação, vol. 10). Líber Livro Editora.
- Godoy, A. S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *RAE - Revista De Administração De Empresas*, 35(2), 57-63.
- Gomes, E. R., & Constantinidis, T. C. (2023). Sentimentos e percepções do luto de sobreviventes ao suicídio de jovens. *Psicologia Ciência e Profissão*, 43(e255629), 1-14. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003255629>
- Gondim, D. S. M., & Mousinho Martins, P. (2021). O suicídio na história do pensamento ocidental da antiguidade à psicanálise. *Humanas Sociais & Aplicadas*, 11(30), 86–103. <https://doi.org/10.25242/8876113020212269>

- Hua, L. L., Lee, J., Rahmandar, M. H., Sigel, E. J., Committee on Adolescence, & Council on Injury, Violence, and Poison Prevention. (2024). Suicide and suicide risk in adolescents. *Pediatrics*, 153(1), 1-17. <https://doi.org/10.1542/peds.2023-064800>
- Ligório, I. S., Ruoso Godoi, A., Soares, G. F., & Habigzang, L. F. (2024). Modelos teóricos do suicídio: uma revisão narrativa. *Psicologia em estudo*, 29(1). <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v29i1.56282>
- Mata, K. C. R. da, Daltro, M. R., & Ponde, M. P. (2020). Perfil epidemiológico de mortalidade por suicídio no Brasil entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia Diversidade e Saúde*, 9(1), 74-87. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v9i1.2842>
- Moreira, L. C. de O., & Bastos, P. R. H. de O. (2015). Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 445-453. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>
- Moretto, M. L. T., Svartman, B. P., Freller, C. C., Massola, G. M., Crochík, J. L., & Silva, P. F. da. (2017). O suicídio e a morte do narrador. *Psicologia USP*, 28(2), 159-164. <https://doi.org/10.1590/0103-656420172802>
- Netto, N. B. (2007). *Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico-dialético* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17213>
- Oliveira, G. C., Reis, S. C. C., & Borges, E. (2024). Falando sobre o suicídio: prevenção e promoção de vida entre adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 36, 1-9. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2024/v36/6013>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2024). *Viver a vida: guia de implementação para a prevenção do suicídio nos países*. <https://doi.org/10.37774/9789275724248>
- Ortolan, M. L., & Santos, H. P. (2018). Suicídio: estamos mesmo falando disso? In I. Leal, S. von Humboldt, C. Ramos, A. Ferreira-Valente, & J. L. P. Ribeiro (Eds.). *Atas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 633-641). Instituto Superior de Psicologia Aplicada
- Pandey, G. N. (2013). Biological basis of suicide and suicidal behavior. *Bipolar Disorders*, 15(5), 524-541. <https://doi.org/10.1111/bdi.12089>
- Pedro, J. R. S. (2017). O suicídio enquanto um fenômeno socio-histórico: possíveis atuações e desafios da psicologia. *Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Saúde*, Campina Grande, Paraíba, 2, 1-12
- Penso, M. A., & Sena, D. P. A. de. (2020). A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Sociedade e Estado*, 35(1), 61-81. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010004>

- Quesada, A. A., Figueiredo, C. G. da S., Aragão Neto, C. H. de, Figueiredo, K. da S., & Garcia, M. S. (2020). *Cartilha para prevenção da automutilação e do suicídio: 15 a 18 anos*. Fundação Demócrito Rocha
- Roos, B. M., & Vier Munhoz, A. (2021). Corpo em sofrimento, afirmação de uma vida. *Fractal: Revista de Psicologia*, 32(3), 285-290. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v32i3/5854>
- Saggese, E. (2021). Uma juventude à flor da pele: o dilema de adolescer ou adoecer. *Educação e Realidade*, 46(1), 1-18. <https://doi.org/10.1590/2175-6236109166>
- Santos, L. A., & Kind, L. (2022). Itinerários terapêuticos percorridos por pessoas que tentaram suicídio. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 38, 1-10. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38412.pt>
- Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas. (2024). *Boletim epidemiológico: (Ano 3, n. 8)*. Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas Dra. Rosemary Costa Pinto
- Sganzerla, G. C. (2021). Risco de suicídio em adolescentes: estratégias de prevenção primária no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 1-8. <http://doi.org/10.1590/2175-35392021226820>
- Silva, B. F. A. da, Prates, A. A. P., Cardoso, A. A., & Rosas, N. (2018). O suicídio no Brasil contemporâneo. *Sociedade e Estado*, 33(2), 565-579. <https://doi.org/10.1590/s0102-699220183302014>
- Silva, C. D. da, & Jurdi, A. P. S. (2022). Saúde mental infantojuvenil e a escola: diálogos entre profissionais da educação e da saúde. *Saúde em Debate*, 46(spe6), 97-108. <https://doi.org/10.1590/0103-11042022e609>
- Silva, D. T. G., Amaral, L. C., Pedrollo, L. F. S., Silva, A. C., & Vedana, K. G. G. (2025). Prevenção do comportamento suicida na escola: ensino baseado em simulação (EBS). *Educação e Pesquisa*, 51, 1-22. <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551276408por>
- Silva, E. L., & Menezes, E. M. (2005). *Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação* (4ª ed.). UFSC
- Silva, J. C. da, Leal, L. T. A., Schmidt, S., Fuhr, M. da S., & Saraiva, E. S. (2023). Saúde mental, adoecimento e trabalho docente. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, 1-8. <https://doi.org/10.1590/2175-35392023-242262>
- Silva, M. M. da, & Barros, L. da S. (2021). A contribuição da escola para a promoção da saúde mental de adolescentes no combate a depressão e ao suicídio. *Brazilian Journal of Development*, 7(3), 21078-21095. <https://doi.org/10.34117/bjdv7n3-017>
- Souza, C., & Silva, D. N. H. (2018). Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 23, 1-12. <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v23.e35751>

Vasconcelos-Raposo, J., Soares, A. R., Silva, F., Fernandes, M. G., & Teixeira, C. M. (2016). Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 345-354. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200016>

World Health Organization. (2025). *Suicide*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desta dissertação, que consistiu na realização dos dois estudos por revisão de escopo e pesquisa empírica, trouxe à luz uma urgente necessidade de mais atenção e produção científica com foco no público docente, no que diz respeito ao tema do suicídio e suas formas de prevenção entre estudantes.

Os resultados obtidos no desenvolvimento dos estudos que fundamentam esta dissertação indicam a fragilidade na estrutura institucional escolar em relação ao reconhecimento das demandas biopsicossociais que envolvem o público com que ela lida, quer seja de docentes ou de estudantes. Os aspectos psicológicos e socioafetivos que envolvem o processo de ensino-aprendizagem parecem ser considerados dispensáveis ou de baixa contribuição à qualidade das relações escolares.

A instituição escolar é, historicamente, um local importante para a formação de pessoas e transmissão de conhecimentos diversos que serão utilizados em benefício da sociedade e do mercado de trabalho; contudo, o compartilhamento de informações e práticas preventivas que considerem os aspectos emocionais e subjetivos dos indivíduos que a compõe, também devem ser percebidos como essenciais ao desenvolvimento humano e social, de modo que temas como o suicídio sejam discutidos, a fim de favorecer o debate público e contribuir para a formação de pessoas que entendam esse fenômeno como um problema atravessado por questões diversas e que requer a reflexão de todos sobre que tipo de sociedade está sendo construída.

Com base na análise e interpretação dos resultados de ambos os estudos, a ausência de informação adequada sobre o fenômeno do suicídio e como ele pode ser evitado entre o público adolescente, não somente traz um prejuízo para o público discente, quanto para os docentes que lidam diretamente com demandas emocionais, e até comportamentos de risco dos estudantes, mas que não sabem como fazer uma abordagem adequada, ou não tem conhecimento sobre como acolher e encaminhar, sem ultrapassar os limites de sua atribuição.

Há necessidade de incluir instruções práticas e teóricas sobre temas de saúde mental e suicídio nas escolas, em espaços adequados para a formação docente, que visem promover ações institucionais assertivas, e que considerem o importante papel do professor no processo de desenvolvimento dos adolescentes, visto que muitos ocupam um lugar de referência paterna/materna, cujo acolhimento e atenção podem ser importantes aliados na evitação de casos de suicídio.

Para tanto, percebe-se a necessidade do desenvolvimento de novos estudos e contribuições científicas que visem construir diálogos entre a realidade das instituições de ensino brasileiras e as comunidades que as compõem, bem como contribuir para o desenvolvimento de políticas públicas que sejam eficientes na prevenção de violências autoprovocadas.

Tais resoluções passam pelo alinhamento entre as instâncias governamentais responsáveis pelos investimentos e administração escolar, para que proporcionem as condições necessárias na inserção de ações multidisciplinares, que incluam a presença de psicólogos e assistentes sociais nas instituições escolares, que reforcem a atenção às necessidades docentes, com informações adequadas, bem como espaços de partilha para benefícios que poderão reverberar entre professores, alunos e a sociedade em geral.

Isto posto, reforça-se a importância de novos estudos científicos sobre o tema de suicídio, prevenção nas escolas e, principalmente, a respeito da percepção dos professores, a considerar que houve grande dificuldade de encontrar materiais que respondessem ao objetivo desse estudo, no que diz respeito à construção da revisão de escopo, tendo a escassez de literatura como um grande dado a ser analisado e discutido em outras produções de pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Andrada, P. C. de D., Dugnani, L. A. C., Petroni, A. P., & Souza, V. L. T. de. (2019). Atuação de psicólogas(os) na escola: enfrentando desafios na proposição de práticas críticas. *Psicologia Ciência e Profissão*, 39, 1-16. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003187342>
- Bock, A. M. B., Rosa, E. Z., Gonçalves, M.G. M., & Aguiar, W. M. J. (2022). *Psicologia sócio-histórica: contribuições à leitura de questões sociais*. EDUC
- Brasil. (2019). *Lei 13.935 de 11 de dezembro de 2019*. Dispõe sobre a prestação de serviços de psicologia e de serviço social nas redes públicas de educação básica. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2019/lei/113935.htm
- Brito, M. D. L. de S., Silva Júnior, F. J. G. da, Costa, A. P. C., Sales, J. C. e S., Gonçalves, A. M. de S., & Monteiro, C. F. de S. (2020). Comportamento suicida e estratégias de prevenção sob a ótica de professores. *Escola Anna Nery*, 24(4), 1-7. <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2020-0109>
- Gomes, F. A., Aguiar, W. M. J., & Alfredo, R. A. (2024). Pressupostos teórico-metodológicos da psicologia sócio-histórica para pesquisas em educação. *Psicologia Escolar e Educacional*, 28(e263404), 1-8. <https://doi.org/10.1590/2175-35392024-263404>
- Maciel, E. M., & Teixeira, S. (2023). Professores diante do comportamento suicida de alunos adolescentes: percepções e intervenções. *Psicologia Escolar e Educacional*, 27, 1-8. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392023-241847>
- Mata, K. C. R. da, Daltro, M. R., & Ponde, M. P. (2020). Perfil epidemiológico de mortalidade por suicídio no Brasil entre 2006 e 2015. *Revista Psicologia Diversidade e Saúde*, 9(1), 74-87. <https://doi.org/10.17267/2317-3394rps.v9i1.2842>
- Moreira, L. C. de O., & Bastos, P. R. H. de O. (2015). Prevalência e fatores associados à ideação suicida na adolescência: revisão de literatura. *Psicologia Escolar e Educacional*, 19(3), 445-453. <https://doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193857>
- Netto, N. B. (2007). *Suicídio: uma análise psicossocial a partir do materialismo histórico-dialético* [Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade de São Paulo]. <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/17213>
- Oliveira, G. C., Reis, S. C. C., & Borges, E. (2024). Falando sobre o suicídio: prevenção e promoção de vida entre adolescentes. *Fractal: Revista de Psicologia*, 36, 1-9. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/2024/v36/6013>
- Ortolan, M. L., & Santos, H. P. (2018). Suicídio: estamos mesmo falando disso? In I. Leal, S. von Humboldt, C. Ramos, A. Ferreira-Valente, & J. L. P. Ribeiro (Eds.). *Atas do 12º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde* (pp. 633-641). Instituto Superior de Psicologia Aplicada

- Pandey, G. N. (2013). Biological basis of suicide and suicidal behavior. *Bipolar Disorders*, 15(5), 524-541. <https://doi.org/10.1111/bdi.12089>
- Penso, M. A., & Sena, D. P. A. de. (2020). A desesperança do jovem e o suicídio como solução. *Sociedade e Estado*, 35(1), 61-81. <https://doi.org/10.1590/s0102-6992-202035010004>
- Santos, E. A. dos, & Legnani, V. N. (2019). Construção social do fracasso escolar das adolescentes em conflito com a lei. *Psicologia Ciência e Profissão*, 39, 1-12. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003180302>
- Secretaria de Estado de Saúde do Amazonas. (2024). *Boletim epidemiológico*: (Ano 3, n. 8). Fundação de Vigilância em Saúde do Amazonas Dra. Rosemary Costa Pinto.
- Sganzerla, G. C. (2021). Risco de suicídio em adolescentes: estratégias de prevenção primária no contexto escolar. *Psicologia Escolar e Educacional*, 25, 1-8. <http://dx.doi.org/10.1590/2175-35392021226820>
- Souza, C., & Silva, D. N. H. (2018). Adolescência em debate: contribuições teóricas à luz da perspectiva histórico-cultural. *Psicologia em Estudo*, 23, 1-12. <https://doi.org/10.4025/psicolestud.v23.e35751>
- Vasconcelos-Raposo, J., Soares, A. R., Silva, F., Fernandes, M. G., & Teixeira, C. M. (2016). Níveis de ideação suicida em jovens adultos. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 33(2), 345-354. <https://doi.org/10.1590/1982-02752016000200016>
- World Health Organization. (2025). *Suicide*. <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>

APÊNDICES

Apêndice A - Roteiro de Perguntas para discussão em Grupo Focal

1. Para vocês, o que significa suicídio?
2. O que vocês acham que leva alguém a pensar em suicídio?
3. O que vocês acham que leva um adolescente a pensar em suicídio?
4. Vocês conseguem reconhecer quais são os sinais de risco, ou já perceberam algum sinal de risco?
5. Como são feitas as intervenções quando sinais de risco são reconhecidos entre os alunos?
6. Existem ações escolares de prevenção ao suicídio? Quais são?
7. O que vocês acham que pode ser feito para a prevenção de suicídio nas escolas?.

Apêndice B - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

O (A) Sr(a) está sendo convidado (a) voluntariamente a participar da pesquisa intitulada **Significações dos Docentes do Ensino Médio em Manaus sobre Suicídio de Adolescentes**, cuja pesquisadora responsável é a mestrandia Emelliny Grazielly Cintra Teles Sandes, sob orientação do professor pesquisador Dr. Fábio Alves Gomes da Universidade Federal do Amazonas.

O objetivo geral desta pesquisa é investigar as significações dos docentes do ensino médio sobre suicídio de adolescentes. Os objetivos específicos são (1) Identificar de que maneira o tema do suicídio é compreendido e abordado entre os docentes; (2) Analisar se há estratégias de prevenção promovidas na escola e, caso haja, quais são; (3) Avaliar possíveis contribuições na formação docente para o reconhecimento e intervenção diante de comportamentos de risco. O motivo que nos leva a investigar sobre o tema é o índice de suicídio entre adolescentes, cuja maior concentração desse público ocorre na escola, bem como a preferência pelo ambiente escolar para a consumação do ato. A considerar que os professores lidam diretamente com as demandas desse público, é relevante compreender como os educadores percebem o fenômeno, em uma tentativa de promover conhecimento e orientação pertinentes para possíveis intervenções futuras tanto de prevenção, quanto de acolhimento.

Esta pesquisa é desenvolvida a partir do Programa de Pós-graduação em Psicologia (PPGPSI) da Faculdade de Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (FAPSI-UFAM). O (A) Sr (a) está sendo convidado (a) por ser professor (a), pedagogo (a) e/ou gestor (a) de uma escola pública da cidade de Manaus e, preencher os critérios para o público desta pesquisa. Para participar, o (A) Sr (a) deve manifestar adesão voluntária através da assinatura deste Termo de consentimento-TCLE.

Cabe ressaltar que sua participação é voluntária e o (a) Sr (a) tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem nenhuma penalidade ou prejuízo. Ao (a) Sr (a) serão esclarecidas todas as dúvidas em qualquer fase e sobre qualquer aspecto da pesquisa que desejar. Sua identidade será preservada conforme os padrões éticos de sigilo, assim, como qualquer informação que o (a) identifique. Não há despesas pessoais para o participante em qualquer fase do estudo. Também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Caso aceite, sua participação consiste em fornecer informações através de uma entrevista semiestruturada individual. O encontro único terá duração aproximada 40 min. Sendo realizado na

Instituição pesquisada, em local privativo. Esses dados serão armazenados de forma criteriosa, respeitando os procedimentos de confidencialidade e privacidade conforme estabelece a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes. Nesta pesquisa os riscos para o(a) Sr.(a) devem ser considerados diante da sensibilidade relacionadas ao incômodo ou desconforto em relação às perguntas da entrevista. Caso aconteça, o (a) Sr (a) poderá ser atendido (a) pela própria pesquisadora que enquanto psicóloga com CRP ativo, e será suspensa a entrevista para prestar suporte psicológico imediato e/ou posterior, em caso necessário.

Como benefícios, os participantes terão acesso ao resultado da pesquisa produzido em linguagem acessível e clara, a fim de tomarem ciência sobre o fenômeno do suicídio, em especial, sobre a prevenção e intervenção possíveis de serem realizadas no ambiente escolar pela escola pública de Manaus. Se julgar necessário, o(a) Sr(a) dispõe de tempo para que possa refletir sobre sua participação, consultando, se necessário, seus familiares ou outras pessoas que possam ajudá-lo na tomada de decisão livre e esclarecida.

Também estão assegurados ao (à) Sr (a) o direito a pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa, assim como o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário.

Por fim, garantimos ao (à) Sr (a) a manutenção do sigilo e da privacidade de sua participação e de seus dados durante todas as fases da pesquisa e posteriormente na divulgação científica.

Em caso de dúvidas, o (a) Sr (a) pode entrar em contato com o orientador da pesquisa, professor Dr. Fábio Alves Gomes na Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Rua General Rodrigo Otávio, no 300, Coroado I e telefone (92) 99434-6781 e/ou e-mail: fbgomes@uea.edu.br, e com a mestrandia Emelliny Grazielly Cintra Teles Sandes, no endereço institucional: Universidade Federal do Amazonas – UFAM, Rua General Rodrigo Otávio, no 300, Coroado I e telefone (92) 982388425 /ou e-mail: emelliny77@gmail.com - Programa de Pós-graduação em Psicologia - PPGPSI da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), na Faculdade de Psicologia-FAPSI-UFAM no endereço Av. Anderson de Menezes - Setor Sul, Coroado I Manaus/AM e/ou e-mail: ppgpsiufam@ufam.edu.br.

O (A) Sr (a) também pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal do Amazonas (CEP/UFAM) e com a

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), quando pertinente. O CEP/UFAM fica na Escola de Enfermagem de Manaus (EEM/UFAM) - Sala 07, Rua Teresina, 495 – Adrianópolis – Manaus – AM, Fone: (92) 3305-1181 Ramal 2004, E-mail: cep.ufam@gmail.com O CEP/UFAM é um colegiado multi e transdisciplinar, independente, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade, e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Este documento (TCLE) será elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas em todas as suas páginas, exceto a com as assinaturas, e assinadas ao seu término pelo (a) Sr (a), ou por seu representante legal, e pelo pesquisador responsável, ficando uma via com cada um.

Consentimento Pós-Informação

Eu, _____, CPF: _____, fui informado (a) sobre os objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada. Declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas. Assino o presente documento em duas vias de igual teor e forma, ficando uma em minha posse.

Data: ____ de _____ de 20____.

Autorização de uso de imagem e dados digitais

Eu, _____, CPF: _____, também autorizo de forma gratuita e sem qualquer ônus o(a) pesquisador(a) responsável a utilização de imagem e dados digitais, em meios acadêmicos e pedagógicos de divulgação possíveis, quer sejam na mídia impressa (livros, catálogos, revista, jornal, entre outros), e nos meios de comunicação interna (jornal e periódicos em geral, na forma de impresso, voz e imagem), observados os dispostos na Lei no 9.610/98 de 19 de

Fevereiro de 1998, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências.

A presente autorização e cessão são outorgadas em caráter gratuito, não incorrendo a autorizada em qualquer custo ou ônus, seja a que título forem sendo firmadas por livre e espontânea vontade.

Impressão
Digital

Assinatura do (a) participante

Impressão
Digital

Assinatura da pesquisadora responsável

ANEXOS

Anexo 1- Parecer Consubstanciado do Conselho de Ética em Pesquisa

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Significações Produzidas por Docentes do Ensino Médio em Manaus sobre Suicídio de Adolescentes

Pesquisador: EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 87981625.0.0000.5020

Instituição Proponente: Universidade Federal do Amazonas - UFAM

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.674.296

Apresentação do Projeto:

Segundo o(a) pesquisador(a) responsável no documento PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2518144.pdf, 29/04/2025 20:50:59 O objetivo geral da pesquisa é explicitar e analisar as significações produzidas por docentes do ensino médio em Manaus sobre suicídio de adolescentes. Os objetivos específicos são a) Identificar de que maneira o tema do suicídio é compreendido e abordado entre os professores; b) Analisar se há estratégias de acolhimento e prevenção promovidas na escola e, caso existam, quais são elas; c) Avaliar possíveis contribuições da formação docente para o reconhecimento e intervenção diante de comportamentos de risco. A metodologia será qualitativa exploratória, e o local de pesquisa será o Colégio Mercatônio Vilaça II, na Av. Max Teixeira, 2501, bairro Cidade Nova, Manaus-AM. A pesquisa será realizada com professores do ensino médio que se dispuserem a participar, após contato e autorização dos gestores.

Tamanho da Amostra: 10 participantes

Critério de Inclusão: Somente farão parte da pesquisa professores atuantes no Ensino Médio, que estejam trabalhando na escola há, no mínimo, 1 (um) ano, e que aceitem espontaneamente participar da pesquisa, após assinatura do TCLE.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-4000

CEP: 69.057-070

E-mail: cep@ufam.edu.br

Continuação do Parecer: 7.674.296

Critério de Exclusão: Não participarão da pesquisa gestores, alunos ou demais funcionários da escola, ou professores que estejam afastados por licença e inativos em sua função, e que não desejem participar da pesquisa ou não concordem com o TCLE

O Cronograma de Execução está detalhado em projeto.docx, 29/04/2025 20:45:58 e prevê as etapas Coleta de dados para junho de 2025.

Orçamento Financeiro prevê um custo de R\$ 191,90.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Explicitar e analisar as significações produzidas por docentes do ensino médio em Manaus sobre suicídio de adolescentes.

Objetivo Secundário:

Identificar de que maneira o tema do suicídio é compreendido e abordado entre os professores.

Analisar se há estratégias de acolhimento e prevenção promovidas na escola e, caso existam, quais são elas.

Avaliar possíveis contribuições da formação docente para o reconhecimento e intervenção diante de comportamentos de risco.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Segundo o pesquisador responsável no documento PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2518144.pdf, 29/04/2025 20:50:59

Riscos: Toda pesquisa com seres humanos envolve riscos aos participantes; contudo, caso haja algum incômodo ou desconforto em relação às perguntas presentes na entrevista, o participante poderá ser atendido (a) pela própria pesquisadora que, enquanto psicóloga com CRP ativo, suspenderá a entrevista para prestar suporte psicológico inicial e/ou continuado, caso necessário. A participação é voluntária e, portanto, o participante tem plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar o consentimento, em qualquer fase da

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM **Município:** MANAUS

Telefone: (92)3305-4000

E-mail: cep@ufam.edu.br

pesquisa, sem nenhuma penalidade e/ou prejuízo. Serão esclarecidas todas as dúvidas sobre qualquer aspecto da pesquisa que se desejar, em qualquer fase da pesquisa. A identidade do participante será preservada conforme os padrões éticos de sigilo assegurados, assim como qualquer informação que o (a) identifique, tanto durante a pesquisa quanto na divulgação dos resultados da pesquisa. Não há despesas pessoais para o voluntário em qualquer fase do estudo. Também, não há compensação financeira relacionada à sua participação.

Benefícios: Como benefício, os participantes terão acesso ao resultado da pesquisa produzido em linguagem acessível e clara, a fim de tomarem ciência sobre o fenômeno do suicídio, além de oferecer informações sobre a prevenção e intervenções possíveis de serem realizadas no ambiente escolar pelo colégio. Também estão assegurados ao (à) Sr (a) o direito de assistência integral gratuita devido a danos diretos/indiretos e imediatos/tardios decorrentes da participação no estudo ao participante, pelo tempo que for necessário, bem como, o direito de pedir indenizações e a cobertura material para reparação a dano causado pela pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de protocolo da versão 2 do projeto “Significações Produzidas por Docentes do Ensino Médio em Manaus sobre Suicídio de Adolescentes”, encaminhado pela Pesquisadora EMELLYN GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES. Constitui ainda a equipe Fábio Alves Gomes. A pesquisa está relacionada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Psicologia (PPG-PSI) a nível de Mestrado. O protocolo trata de projeto que deve atender as Resoluções CNS 466/2012 e 510/2016

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

FOLHA DE ROSTO: ADEQUADA. Apresentado no arquivo “folhaderostoassinada.pdf”, 29/04/2025 20:42:12.

TERMOS DE ANUÊNCIA: ADEQUADO. Apresentado pelo(a) pesquisador(a) responsável, conforme indicado no documento anuência.pdf 18/03/2025 12:56:35

INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS: ADEQUADO. Apresentado pelo(a) pesquisador(a) responsável, conforme indicado no documento projeto.docx, 18/03/2025 13:01:08.

TCLE: ADEQUADO. O pesquisador apresentou o TCLE no arquivo “TCLE_.pdf”, 18/03/2025 12:56:35.

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-4000

E-mail: cep@ufam.edu.br

Continuação do Parecer: 7.674.296

ANÁLISE: PENDÊNCIA ATENDIDA

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após analisadas a resposta às pendências enviadas no parecer da primeira versão do projeto, e indexadas nos documentos PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2401085.pdf, 09/10/2024 11:17:23 e TCLE.pdf 09/10/2024 11:12:41; foi constatado que todas as modificações foram realizadas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este CEP analisa os aspectos éticos da pesquisa com base nas Resoluções 466/2012-CNS, 510/2016-CNS e outras complementares. A aprovação do protocolo neste Comitê NÃO SOBREPÕE eventuais restrições ao início da pesquisa estabelecidas pelas autoridades competentes, devido à pandemia de COVID-19. O pesquisador(a) deve analisar a pertinência do início, segundo regras de sua instituição ou instituições/autoridades sanitárias locais, municipais, estaduais ou federais.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2518144.pdf	29/04/2025 20:50:59		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	29/04/2025 20:50:07	EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto.docx	29/04/2025 20:45:58	EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES	Aceito
Outros	cartarespostaocep.pdf	29/04/2025 20:44:32	EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES	Aceito
Parecer Anterior	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_7532955.pdf	29/04/2025 20:43:43	EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoassinada.pdf	29/04/2025 20:42:12	EMELLINY GRAZIELLY CINTRA TELES SANDES	Aceito

Situação do Parecer:

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM

Município: MANAUS

Telefone: (92)3305-4000

E-mail: cep@ufam.edu.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
AMAZONAS - UFAM



Continuação do Parecer: 7.674.296

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

MANAUS, 27 de Junho de 2025

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
(Coordenador(a))